

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

EVELYN DE PAULA LEMOS

***BULLYING* E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL,
COGNITIVO-ACADÊMICO E EMOCIONAL DAS VÍTIMAS**

CAMPINAS

2022

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

EVELYN DE PAULA LEMOS

***BULLYING* E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL,
COGNITIVO-ACADÊMICO E EMOCIONAL DAS VÍTIMAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à faculdade de Educação do Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alessandra
Rodrigues de Almeida

**CAMPINAS
2022**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

EVELYN DE PAULA LEMOS

***BULLYING* E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO SOCIAL,
COGNITIVO-ACADÊMICO E EMOCIONAL DAS VÍTIMAS**

Trabalho de conclusão de curso
defendido e aprovado em 01 de
Dezembro de 2022 pela comissão
examinadora:

Prof(a). Dr(a). Alessandra Rodrigues de
Almeida

Orientadora e presidente da comissão
examinadora.

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

Prof(a). José Donizeti de Souza

Pontifícia Universidade Católica de
Campinas.

**CAMPINAS
2022**

Dedico ao meu noivo pelo carinho e apoio essencial nos momentos bons e ruins que vivenciei durante o curso e à minha melhor amiga/companheira, que contribuiu integralmente.

AGRADECIMENTOS

Aos professores do curso por não desistirem de mim, por sempre me auxiliarem durante as aulas e por acompanharem o passo a passo do meu processo de aprendizagem. É graças à vontade, interesse e entusiasmo de vocês em formar professores éticos, críticos e responsáveis, que eu pude construir minha trajetória e me transformar em uma profissional consciente e uma pessoa mais evoluída acerca da realidade e dos conhecimentos da vida.

Às quatro amizades especiais que conheci no curso e que ao longo desses quatro anos estiveram comigo me apoiando, me impulsionando, me dando forças para continuar e contribuindo com a minha formação acadêmica e profissional, ainda mais neste último ano grandemente desafiador, uma vez que sem vocês o caminho até aqui teria sido muito mais difícil e desanimado.

E, por fim, mas não menos importante, gostaria de agradecer imensamente ao meu noivo, Rafael, por todo suporte, amor, paciência, companheirismo, amizade e incentivo recebidos durante o meu processo de formação e crescimento pessoal e profissional, saiba que “por onde você for, quero ser seu par” (Elis Regina).

“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

(Paulo Freire)

RESUMO

LEMOS, Evelyn de Paula. **Bullying e suas implicações no desenvolvimento social, cognitivo-acadêmico e emocional das vítimas**, 2022, 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Pedagogia – Faculdade de Educação). Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Centro de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Campinas, SP, 2022.

O presente Trabalho de Conclusão de Curso discute o *bullying* como violência no âmbito escolar e suas implicações no desenvolvimento social, cognitivo-acadêmico e emocional das vítimas. O problema central da pesquisa envolve a seguinte questão: o que dizem as pesquisas nacionais dos últimos dez anos (2012 a 2021) a respeito do impacto causado pelo *bullying* na trajetória acadêmica/pessoal das vítimas desse tipo de violência mais comum no ambiente escolar? Esta investigação tem como objetivo central compreender as práticas do *bullying* na escola, os encadeamentos que ele provoca na vida pessoal e acadêmica dos envolvidos e conhecer meios de preveni-lo e combatê-lo no ambiente escolar. Para atender ao objetivo central, esta pesquisa desdobrou-se a partir dos seguintes objetivos específicos: 1) apresentar as condutas do *bullying*, bem como seus diferentes tipos e principais danos causados às vítimas; 2) descrever modos de prevenção e combate no ambiente escolar; 3) discutir tanto as relações do *bullying* com a formação docente quanto como esta violência segue ameaçando o desenvolvimento humano e a efetivação dos direitos infanto-juvenis. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa e caráter exploratório, na qual buscou-se no portal de periódicos capes artigos que discutissem o tema desta pesquisa. Para seleção dos textos foram utilizadas as seguintes palavras-chave: *bullying* escolar; consequências e prevenção; ensino fundamental; formação docente; direito. Foram selecionados cinco textos que diante de algumas leituras dialogavam com os propósitos desta pesquisa. Os resultados encontrados apontam que a prática do *bullying* interfere diretamente no desenvolvimento do aluno durante o processo de aprendizagem nas instituições educacionais. Também observou-se que o *bullying* pode causar danos psíquicos que podem prejudicar a vida da vítima, além de ocasionar patologias como a depressão, ansiedade, entre outros, evidenciando a necessidade de que a escola esteja presente e promova atividades que reforcem o caminho contrário à prática do *bullying* para que o processo de crescimento e aprendizagem dos alunos em todas as instituições seja saudável e seguro para todos os indivíduos envolvidos, sendo não somente os alunos, como também o corpo docente e os familiares.

Palavras-chave: *bullying*; violência; ambiente escolar

ABSTRACT

This Term Paper discusses *bullying* as violence in the school sphere and its implications for the social, cognitive-academic and emotional development of victims. The central problem of the research involves the following question: what do national surveys of the last ten years (2012 to 2021) say about the impact caused by *bullying* on the academic/personal trajectory of victims of this more common type of violence in the school environment? The main objective of this investigation is to understand the practices of *bullying* at school, the chains it causes in the personal and academic lives of those involved and to know ways to prevent and combat it in the school environment. To meet the central objective, this research unfolded from the following specific objectives: 1) to present the behaviors of *bullying*, as well as its different types and main damages caused to victims; 2) describe methods of prevention and combat in the school environment; 3) discuss both the relationship between *bullying* and teacher training and how this violence continues to threaten human development and the realization of children's rights. The methodology used was bibliographic research, with a qualitative approach and exploratory character, in which were searched on capes journal portal articles that discussed this research's subject. For text selection, the following keywords were used: school *bullying*; consequences and prevention; elementary School; teacher training; right. Five texts were selected that, in the face of some readings, dialogued with the purposes of this research. The results found indicate that the practice of *bullying* directly interferes with the student's development during the learning process at educational institutions. It was also observed that *bullying* can cause psychic damage that can harm the victim's life, in addition to causing pathologies such as depression, anxiety, among others. The need for the school to be present and to promote activities that reinforce the path contrary to the practice of *bullying* for the growth and learning process of students in all institutions to be healthy and safe for all individuals involved, not only students, as well as faculty and family members.

Keywords: *bullying*; violence; school environment

SUMÁRIO

Revista Millenium DOAJ.....	42
FERNANDES, Elisabete. et al. Bullying: Conhecer Para Prevenir. 2016. Portugal: Revista Millenium DOAJ (Instituto Superior Politécnico de Viseu) , v.49 (jun/dez), p. 77-89. Disponível em: < https://doaj.org/article/3b148b79dd724330b70d313b8ba99b10 >. Acesso em: 20 abr. 2022.....	55
MAEKAVA, Fernanda Silva; ANDRADE, Michela de; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. O Bullying Escolar sob a Ótica de Professores e Alunos. 2018. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP): Revista Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional (DOAJ) , vol. 12 (no. 31). Disponível em: < https://doaj.org/article/b4f3d398eccb44dcab921969a8b5c885 >. Acesso em: 20 abr. 2022.	55
MONTEIRO, Michelle Popenga Geraim. Diálogos sobre o bullying escolar e o desenvolvimento humano. 2020. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGEDU/PUCRS): Revista Educação Por Escrito (DOAJ) , vol.11(1), p.ID31701. Disponível em: < https://doaj.org/article/4104c48c11864406a9d33694976f3354 >. Acesso em: 20 abr. 2022.....	56

MEMORIAL

I. INTRODUÇÃO

O presente memorial tem como objetivo principal descrever, analisar e criticar os acontecimentos e experiências adquiridas durante [minha trajetória acadêmico-profissional e intelectual](#), destacando as aprendizagens, os acertos, as vitórias, os avanços, as quedas, os momentos difíceis, juntamente com a exposição dos meus sentimentos e reflexões ao longo de cada etapa do meu percurso de formação.

O memorial encontra-se estruturado [em duas partes: na primeira, irei realizar um relato acerca das fases mais tristes, significativas e importantes do meu processo de formação educacional e profissional, a partir de três subtítulos: “Ensino Fundamental I e II”, “Ensino Médio” e “Ensino Superior”, enfatizando as experiências mais relevantes. Por fim, será feita uma reflexão final](#), a fim de destacar o quão importante é não tratar o *bullying* como algo banal e apresentar o significado do meu tema escolhido para o desenvolvimento do TCC: “O que dizem as pesquisas nacionais dos últimos dez anos (2012 a 2021) a respeito do impacto causado pelo *bullying* na trajetória acadêmica/pessoal das vítimas desse tipo de violência mais comum no ambiente escolar?”.

A metodologia utilizada teve como eixo principal minhas experiências acadêmicas e intelectuais pessoais.

II. REFLEXÃO ACADÊMICO-PROFISSIONAL E INTELECTUAL

2.1 Ensino Fundamental I e II

Meu período na escola começou somente no 1º ano do Fundamental I, pois não fui nem à creche, nem à pré-escola [por decisão dos meus pais, que eram superprotetores comigo na época, por ser a primogênita deles. Então não tive a oportunidade de me relacionar socialmente](#), de descobrir brincadeiras e conhecimentos novos e nem de adquirir experiências infantis coletivamente ainda quando criança, já que no 1º ano, as brincadeiras e a diversão precisam ser

deixadas um pouco de lado para dar foco à alfabetização, aprendizados que, atualmente, considero ter feito muita falta.

Quando ingressei na Escola A no 1º ano em 2006, tudo o que vivenciava foi ótimo para o meu desenvolvimento. Eu frequentava as aulas obrigatórias do componente curricular e como também havia a opção de fazer ballet, judô ou capoeira, escolhi primeiro cursar o ballet, que se encerrou com uma linda e maravilhosa apresentação no final do 2º ano. Depois, no 3º ano, escolhi cursar o judô, mas não consegui concluir por conta do fechamento da escola.

Sendo assim, em 2009, ingressava na Escola B no 4º ano. Estava bem nervosa quando meu pai me deixou com uma professora no pátio e teve que ir embora. Só fiquei mais tranquila, quando vi duas colegas minhas da antiga escola sentadas na escada que levava às salas de aula no segundo andar. Então fui até elas e todas ficaram aliviadas de se encontrar lá. Porém, já no primeiro dia de aula, houve um incidente.

Toda segunda-feira, antes do início da aula, cada turma, juntamente com os professores, gestores e funcionários, se organizavam em fila e cantavam o Hino Nacional do Brasil no pátio, porém como não fazíamos isso na Escola A, eu apenas fiquei em fila esperando sem cantar, já que não sabia a letra. Contudo, ao final, senti vontade de espirrar e sem conseguir impedir, somente vi meu muco voando na bolsa de um aluno que estava na fileira ao lado da minha. Na hora morri de vergonha e torci para que ninguém tivesse visto. Quando o hino terminou, apenas subi em direção à sala com minha fileira normalmente, como se nada tivesse acontecido.

Até hoje não sei se esse pode ter sido ou não o estopim do *bullying*, já que acredito que ninguém tenha visto por conta da rapidez, do barulho e pela mochila do aluno ter muitos desenhos em cores escuras, entretanto, após esse dia, não demorou muito para que a violência começasse.

Na época, até o 5º ano, quase todos os trabalhos eram feitos em dupla e como era por sorteio, eu sempre fazia com um dos agressores, que tinha uma aversão gigante por mim. Um episódio de que me lembro bem, foi quando fomos sorteados para escrever um texto falando o que achávamos daquela pessoa, no caso, um do outro. Mesmo sabendo que ele era uma pessoa ruim, só escrevi coisas boas no meu texto para não envergonhá-lo, já que o tínhamos que ler na frente da sala toda, porém ele não pensou do mesmo jeito.

Em seu texto, diante de toda aquela antipatia e repulsa sendo discursada na frente de todos, havia três palavras das quais eu nunca me esqueci: “porca”, “nojenta” e “feia”. Aquilo me desestabilizou por completo, eu sentia uma vontade imensa de chorar e só consegui ouvir a professora dizer com um tom indiferente que era para falarmos “bem das pessoas”. Ou seja, ele voltou tranquilamente ao lugar dele depois de ter me humilhado frente à todos e ela não deu a mínima importância, apenas continuou as apresentações, como se eu não fosse uma pessoa, além de que, tivemos que continuar trabalhando juntos em outras atividades até o final do Fundamental I, como a criação de um livro, por exemplo, que também me lembro por ter feito tudo sozinha.

Infelizmente, fora momentos ruins como este, não consigo me lembrar de nenhuma aula ou momento bom nesta escola, na época do Fundamental I. Os únicos bons aconteciam aos domingos, quando todos os irmãos de parte de mãe iam almoçar na casa da minha avó, onde eu, minha irmã e meus primos brincávamos de diversas coisas até a hora de ir embora, como polícia-ladrão, pega-pega, casinha, esconde-esconde, pega-alto, UNO, entre outros. A gente brincava, ria e ao final do dia, o cansaço dominava. Em minha opinião, foi o que me ajudou a suportar semana por semana.

Já no Fundamental II, me recorro de vários episódios ruins que me marcaram. Nessa época, eu costumava comprar muita bala na cantina, por ser R\$0,10 centavos cada e, teve uma vez, que eu comprei no final do intervalo e subi correndo para a sala, para não ficar de fora, já que eles fechavam as portas e quem não conseguisse entrar a tempo, não via a aula. Assim que sentei no meu lugar e coloquei as balas na mesa para guardar o troco na mochila, vários alunos mal intencionados fizeram uma roda em volta da minha carteira e começaram a tumultuar a sala pedindo uma bala. Quando a professora viu, ela atribuiu a culpa a mim, como se eu tivesse tido a intenção de realizar aquilo de propósito. Então, ela mandou todos voltarem às suas carteiras e me entregou uma ocorrência com a frase “distribuindo balas em sala de aula” escrita na justificativa.

Naquela hora, fiquei em choque por duas coisas: me senti muito decepcionada, já que ela era uma das minhas professoras preferidas e me julgou sem nem pensar ou ouvir o que eu tinha para falar; a outra, é que meu pai iria surtar comigo em casa por conta de uma ocorrência sem fundamento. Ela era uma

professora com quem eu sempre conversava, também a ajudava quando ela me pedia e recebia muito apoio dela durante os seminários, já que eu me segurava na lousa enquanto falava e a mesma quase caía de tanto que eu tremia. Mas depois disso, nossa relação professor-aluno foi deixando de existir e eu passei a ficar mais quieta nas aulas dela, falando só quando era necessário.

Outro acontecimento foi quando eu estava ensaiando para a “Festa das Nações”¹ durante uma aula de Educação Física. Dançar não era obrigatório, porém eu participava por gostar bastante de dançar e porque, quem dançava, ganhava um ponto na média de cada disciplina. Então, mesmo sabendo que poderia não ser tão divertido assim ensaiar e dançar com aquela turma, eu participava para garantir pelo menos o ponto a mais na média, caso precisasse.

Entretanto, durante uma das aulas, enquanto eu dançava no ensaio, percebi que o grupinho de agressores estava olhando para mim, apontando, cochichando e rindo. Eu senti algo horrível por dentro, mas continuei dançando, porque sabia que se falasse alguma coisa ali na frente de todos, podia ser ainda mais humilhada com a resposta. Então, assim que o ensaio terminou, fui até o professor e expus a situação ocorrida, que imediatamente me perguntou: “eles estão fazendo isso com você agora?”. Eu respondi que fizeram durante a dança e ele respondeu: “então não posso fazer nada, quem mandou você não vir falar comigo antes”. Simples assim. Mais uma vez, nada foi feito.

Além de que, no dia da apresentação, eu conseguia sentir a repulsa e o nojo do meu parceiro por mim durante a dança.

Eu não podia contar comigo (por ser muito tímida e ter muito medo de falar algo e ser ainda mais humilhada), nem com as minhas “amigas” (que nunca nem sequer me deram no mínimo qualquer apoio emocional) e nem com os professores (quando tive coragem de falar algo, não fizeram nada) para tomar uma atitude que acabasse com essa violência social, verbal e psicológica.

Ademais a isso, toda vez que a escola promovia passeios ao longo do ano, eu e minha “melhor amiga” sempre combinávamos de ir juntas, então eu pagava o valor cobrado e uns dias antes do passeio descobria que ela não iria, pois não havia

¹ Uma festa organizada todos os anos pela gestão, que envolvia todas as turmas do 6º ao 9º, em que cada turma escolhia um País e aprendia suas danças, crenças e culinárias, ou seja, a sala de aula de cada turma virava um tour ao País escolhido por ele, tendo informações coladas nas paredes da sala, comidas em cima das mesas e cada turma realizava sua dança típica no pátio no horário estabelecido pela escola.

pago, então acabei indo há muitas viagens sozinha, onde nenhuma das pessoas que ia se interessava em conversar comigo. Assim eu passava as horas tentando aproveitar um pouco e só esperando que acabasse. Eu nunca aprendi, em todo passeio isso acontecia e não tinha como eu desistir de ir em cima da hora, já que era o dinheiro do meu pai que estaria sendo jogado no lixo e não era justo eu fazer isso com ele.

Além disso, outro episódio marcante que vivenciei, foi quando entrou uma aluna nova na nossa turma. Ela tinha uma vibe emo/roqueira e logo de cara minha “melhor amiga” se identificou com ela, já que as duas tinham muita coisa em comum. Então, com o passar do tempo, além dela entrar na onda dos agressores e começar a me chamar de “palito” e “tábua” (porque eu não tinha nem peito e nem bunda), fora os apelidos de “magrela” e “esquisita” que também eram recorrentes, fui percebendo e sentindo que ela estava afastando minha “melhor amiga” de mim, em que, hoje eu percebo que deveria ter me afastado mesmo, porém, como na época eu só pensava em manter a única “amiga” que tinha por perto, decidi tomar uma atitude.

Escrevi um bilhete sobre essa aluna nova e entreguei para a minha “melhor amiga” ler. Nele eu basicamente dizia que não gostava da aluna nova, porque ela me chamava de “palito” e “tábua” e estava me afastando propositalmente e destruindo nossa amizade. Bom, ao invés da minha “melhor amiga” só ler o bilhete e falar diretamente comigo, ela simplesmente entregou o bilhete para a aluna nova no final da aula. Enquanto eu descia as escadas indo em direção a saída do colégio, ouvi a voz da aluna nova dizendo “vou pegar ela”, “vou arrebentar ela”, “espera só eu encontrar ela”. Então tentei ir me escondendo entre as pessoas e fui correndo para o portão, mas quando vi, ela já estava lá me esperando, porém eu mal conseguia me defender verbalmente, imagina fisicamente numa briga.

Por sorte, meus pais e a moça da perua escolar em que a aluna nova ia estavam lá para intervir. Não houve briga, porém no dia seguinte fomos colocadas frente a frente na sala da coordenação para dar uma explicação à gestão. Apesar de precisar partir de um escândalo, foi a primeira vez que eu realmente fui ouvida e defendida. Meus pais me acolheram e a coordenação também, pois contei a eles o motivo justificável do bilhete, o *bullying* e a exclusão. Logo após, ficou bem difícil de

suportar, já que eu tinha uma agressora (aluna nova) de um lado e uma traidora do outro (“melhor amiga”).

Dentre outros momentos de que me recordo, há a vergonha e a insegurança que sentia ao ir para a escola com a roupa determinada pelo trote do nono ano; o sentimento de não gostar do meu corpo; da turma participando de um projeto ecológico apresentado pela escola, em que todos bebiam água no bebedouro com um copo de papel; houve o projeto “Diga não ao *bullying*”, na qual a maioria dos alunos da escola comprou a camiseta produzida com esta frase e eu só conseguia pensar em como os agressores eram hipócritas ao usá-las; a Feira de Ciências, em que eu e meu grupo apresentamos e explicamos a experiência da vela, da água e do copo; e, por fim, de estudar e me esforçar bastante durante os anos, em que os professores planejavam suas aulas e atividades somente em torno da apostila, não havendo nada diferente.

Em suma, a partir do que foi exposto, gostaria de deixar claro que o Ensino Fundamental foi a pior época da minha vida, da qual não gosto de lembrar, mas que infelizmente não sai da minha cabeça. Vivenciei muitas dificuldades e momentos ruins por conta do *bullying*, por não conseguir lutar contra isso, restando como momentos bons apenas os em família, que fizeram toda a diferença para que eu continuasse em frente.

2.2 Ensino Médio

Quando ingressei no Ensino Médio em 2015, tive a oportunidade de recomeçar, já que no final do 9º ano, meus pais me contaram que iríamos mudar de casa e, conseqüentemente, de escola também.

No começo, por ser muito quieta, tímida e por sentir que ninguém gostaria de ser meu amigo e que eu só estaria incomodando àquela pessoa, eu demorei cerca de dois meses para fazer duas amizades, porém esta demora é relativa apenas à minha insegurança, uma vez que elas me acolheram e me mostraram que ali eu poderia ser quem eu era, me apoiando, me apresentando aos poucos à turma e me ajudando diante das dificuldades sociais, emocionais e educacionais (se tratava de uma escola com um ensino muito superior à minha antiga escola, então se não fosse por elas, teria reprovado o 1º ano).

Os três anos foram se passando e eu vivenciei momentos muito bons e divertidos, como fazer novas amizades que realmente se importassem comigo, receber meus amigos em casa ou ir à casa deles para realizarmos trabalhos diferenciados, como experimentos de física, vídeos cozinhando, desenhos e pinturas em madeira, etc, além de assistir filmes em sala de aula, me sentir bonita, ser desejada pela primeira vez, ir almoçar fora da escola, sair para conversar e se divertir em lugares externos à escola, ter aulas com professores descontraídos, didáticos e preocupados com minha formação, entre outros, tudo isto e muito mais fez com que o Ensino Médio terminasse mais rápido do que o esperado.

As únicas vezes em que tive momentos desagradáveis de que me lembro até hoje foram dois, no qual, primeiramente, levei uma ocorrência por estar fora do mapa de sala. Como minha turma era muito agitada e bagunceira, a gestão decidiu que teríamos um mapa de sala e quem mudasse de lugar e fosse pego por algum monitor ou gestor que entrasse na sala e verificasse, levaria uma ocorrência.

Porém, em minha defesa, eu e minha amiga mudamos de lugar para copiar o que a professora de Ciências estava passando na lousa e, assim que acabamos de mudar e nos sentar, a coordenadora entrou na sala e mais da metade da turma saiu com ela, porém minhas explicações à ela não foram suficientes e com isso, levei uma ocorrência. A minha sorte é que quando meu pai soube, considerou irrelevante, já que uma turma de 2º ano ter mapa de sala é quase insignificante, quando comparado às tamanhas preocupações do ensino médio.

O segundo momento foi em uma aula de Matemática, quando fui tirar uma dúvida acerca do conteúdo e o professor se irritou por eu não ter entendido a explicação da matéria no tempo dele, ocasionando em, além de uma frustração de ambas as partes, minha desistência de tirar dúvidas, notas abaixo da média e constantes recuperações.

Além de Matemática, eu sempre tive dificuldade com as disciplinas de Física, Química e Biologia, então passei os três anos me esforçando muito, porém sempre acabava não atingindo a média e tendo que fazer recuperação. Foi assim durante todos os anos do Ensino Médio com essas quatro matérias, se tornando um ciclo vicioso, pois eu ficava de recuperação no primeiro bimestre e, conseqüentemente, enquanto estudava para realizar as provas de recuperação, os conteúdos do

segundo bimestre já estavam sendo passados e isso fazia tudo virar uma bola de neve.

Fora estes momentos de sufoco, foi uma época muito boa, da qual guardo muitas memórias boas, que aquecem meu coração e me fazem rir só de pensar.

Com isso, o fato de eu ter mudado de escola para cursar o Ensino Médio em outro lugar, fez com que eu pudesse aprender, recomeçar e vivenciar outras experiências totalmente diferentes das que eu vivi anteriormente, já que tanto os alunos quanto o corpo gestor da nova escola eram íntegros, acolhedores e nada desrespeitosos.

2.3 Ensino Superior

No final do ensino médio, eu estava bem indecisa sobre qual curso gostaria de fazer ou qual área seguir. *Pensei em opções como Bióloga Marinha, Policial, Fisioterapeuta, Nutricionista e Pedagogia, principalmente. Ou seja, muita coisa passou pela minha cabeça, mas no final decidi cursar Pedagogia, por razões como: ser um curso com o qual tinha uma certa familiaridade, por conta de algumas pessoas da minha família serem professores, professoras e diretoras; e por ser uma oportunidade de me relacionar com as crianças e fazer diferente em relação ao *bullying* e ao método autoritário e tradicional de ensino.*

Com isso, em 2019, iniciei o curso de Pedagogia na PUC-Campinas. É muito difícil colocar em palavras tudo o que eu vivenciei durante esses quatro anos. Com certeza não foi nada fácil, eu precisei me reinventar, trabalhar meu psicológico, lutar contra a insegurança, o medo, os possíveis julgamentos e me esforçar como nunca para conseguir concluir os períodos de forma crítica e responsável, já que ser professora não é fácil nem aquele mar de rosas que eu imaginei.

Entretanto, foi dentro da universidade, diante de tantos conhecimentos históricos, sociais, psicológicos, políticos, humanísticos, educacionais, dentre outros, que minha mente se expandiu e eu comecei a conhecer e entender diversas questões e como tudo realmente funcionava tanto dentro da área de educação quanto fora dela. O único problema foi a pandemia.

Ninguém estava esperando por isso e, quando aconteceu, todos acharam que durariam duas semanas no máximo, porém dois anos se passaram.

Dois anos estudando de forma remota foi, em minha opinião, uma tortura no começo, pois não há como negar que em casa há outras milhares de possibilidades de distração do que em sala de aula presencialmente, então todos tiveram que ir aprendendo e se adaptando à este “novo modelo de ensino”.

O problema é que prestávamos menos atenção nas aulas, por conta do cansaço e das distrações, tínhamos mais trabalhos para fazer, a maioria em grupo e alguns individuais. [O estágio foi todo feito de forma remota também, através das aulas gravadas das respectivas turmas do Colégio PIO XII, referentes às disciplinas de estágio de cada semestre. Ou seja,](#) eu que ainda não trabalho na área de educação, estava esperando me sentir mais habituada e tranquila através do estágio, porém acabei não tendo a oportunidade de vivenciar estas experiências presentes na realidade escolar infantil que tanto ansiava ter nem de um jeito nem de outro.

Com isso, cada um foi levando os semestres e as disciplinas do jeito que dava, em que tanto os círculos de amizade quanto toda a turma em si se ajudaram bastante, o que para mim foi essencial e muito solidário da parte de todos naquele momento, pois além de um pouco de afeto e compreensão por parte dos professores, estávamos precisando de um pouco entre nós mesmos também, e foi o que aconteceu. Sem isso, não sei o que teria acontecido, só posso garantir que os dias seriam mil vezes piores do que foram.

Agora, no último ano do curso, voltamos presencialmente.

Ter entrado neste curso com professores tão preocupados e extasiados para nos ensinar suas histórias, vivências e conhecimentos, interessados em formar professores críticos, conscientes e humanísticos e ter conhecido uma turma com pessoas tão companheiras no geral, é uma oportunidade que agradeço sempre a Deus, pois torna todo o processo de aprendizagem mais leve e significativo.

Durante esses quatro anos de faculdade, eu chorei, ri, estudei, me esforcei, passei dificuldades por conta da insegurança, do medo de me expor e dos julgamentos (consequências do *bullying*) e da timidez, por exemplo, além do apoio, dos bons momentos, das aprendizagens adquiridas e das experiências vivenciadas juntamente com a turma. Foram anos e conhecimentos dos quais sempre irei me lembrar ao longo da vida pessoal e profissional.

Portanto, o principal motivo pelo qual eu escolhi o curso de pedagogia e o *bullying* como tema do meu Trabalho de Conclusão de Curso, foi a vontade de me tornar uma professora responsável e acolhedora, por conta de tudo o que passei ao longo dos meus anos escolares, a fim de buscar mudar e melhorar a educação, o convívio em grupo e evitar que mais crianças sofram com o *bullying*.

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo discutir e analisar as principais implicações que o *bullying* no ambiente escolar acarreta na vida pessoal e acadêmica das vítimas. O tema foi pensado com base na minha própria experiência durante o Ensino Fundamental I e II, momento em que sofri com este tipo de violência. Portanto, devido a isso, busco responder, através desta pesquisa bibliográfica, à seguinte questão: “O que dizem as pesquisas nacionais dos últimos dez anos (2012 a 2021) a respeito do impacto causado pelo *bullying* na trajetória acadêmica/pessoal das vítimas desse tipo de violência mais comum no ambiente escolar?”.

A escola é um espaço que tem como função social proporcionar o desenvolvimento de habilidades, aprendizagens e relações coletivas sadias aos seus alunos, em que, de acordo com o artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente: “o direito à educação é um direito especial fundamental das crianças e jovens”. Porém, quando este ambiente onde os educandos passam grande parte do tempo durante a trajetória acadêmica, é contaminado pela violência, ele se torna tóxico e prejudicial tanto ao desenvolvimento social e psicológico, quanto à construção de identidade, relações, valores, conhecimentos e experiências benéficas.

Com isso, esta pesquisa tem como objetivo geral: compreender as práticas do *bullying* na escola, os encadeamentos que ele provoca na vida pessoal e acadêmica dos envolvidos e conhecer meios de preveni-lo e combatê-lo no ambiente escolar. Como objetivos específicos: apresentar as condutas do *bullying*, bem como seus diferentes tipos e principais danos causados às vítimas; descrever modos de prevenção e combate no ambiente escolar; e discutir tanto as relações do *bullying* com a formação docente quanto como esta violência segue ameaçando o desenvolvimento humano e a efetivação dos direitos infanto-juvenis.

Este estudo está fundamentado nos seguintes referenciais teóricos acerca do *bullying*: Fernandes, Henriques, Mendes e Ribeiro (2016), Monteiro (2020), Maekava, Andrade e Capellini (2018), Alkimim e Janini (2020), Oliveira e Carneiro (2021), Pereira (2009), Charlot (2002), Fante (2013), Elias (2011), Silva (2010) e

Santos, Grossi e Scherer (2014), principalmente, a fim de realizar uma investigação aprofundada sobre o tema.

Assim, procurando atender os objetivos deste trabalho, a presente pesquisa bibliográfica foi realizada de maneira descritiva, a partir de considerações aprofundadas decorrentes do estudo de pesquisas nacionais acerca do assunto tratado, na qual, foram selecionadas por abordarem as observações, análises e resultados de forma crítica, ampla e satisfatória.

A análise dos dados qualitativos coletados foi possível de ser realizada após várias leituras de todas as obras selecionadas e a identificação dos critérios e conceitos fundamentais a partir do fichamento das mesmas, a serem tratados no trabalho, pois caracterizam muito bem o que se deseja ser exposto na análise e na discussão dos dados e dos resultados da pesquisa, a fim de investigar a respeito do impacto causado pelo *bullying* na trajetória acadêmica/pessoal das vítimas desse tipo de violência mais comum no ambiente escolar.

Nesse sentido, o presente trabalho foi organizado da seguinte forma: primeiramente, serão apresentados os referenciais teóricos. No segundo capítulo, haverá o detalhamento do processo metodológico utilizado no decorrer da construção desta pesquisa. No terceiro capítulo, será realizada uma contextualização e discussão do tema acerca das informações colhidas a partir dos artigos selecionados. E, por fim, logo em seguida, serão apresentadas as considerações finais e minhas principais reflexões e aprendizados adquiridos ao longo do processo de construção deste TCC.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste primeiro capítulo serão apresentados os referenciais teóricos que irão fundamentar [este Trabalho de Conclusão de Curso](#) e abordar temas que circundam as manifestações do *bullying*, assim como o direito à educação, a formação docente e [à busca por relações sadias no ambiente escolar, através de medidas](#) preventivas e restaurativas.

1.1 Direitos Infanto-Juvenis

Iniciamos esta discussão, ressaltando a importância da escola, pois esta instituição, com o passar do tempo, foi se tornando uma “segunda casa” para as crianças e jovens, por ser um ambiente onde estes indivíduos têm passado grande parte da vida em prol da educação, formação, relação e interação.

Logo, se tratando do desenvolvimento e da formação das crianças e adolescentes, podemos focar em três documentos legais que asseguram os direitos [relacionados ao respeito e dignidade na educação](#), sendo eles a Constituição da República Federativa do Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente e a Convenção sobre os Direitos da Criança da Organização das Nações Unidas (PEREIRA, 2009).

De acordo com o artigo 6º da Constituição Federal (CF) de 1988, o direito à educação é um direito fundamental e social de todo cidadão. [Já segundo o artigo 3º do Estatuto da Criança e do Adolescente \(ECA\)](#), é um direito fundamental especial por conta das crianças e jovens estarem em estado de desenvolvimento, uma vez [que é através da educação](#) que o aluno mergulha em um processo de construção de identidade, relações, valores, conhecimentos e experiências, principalmente (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Porém, é importante que seja incluído no direito fundamental à educação o [acesso a uma escola que](#), segundo Alkimim e Janini (2020, p. 761):

[...] reflita um meio ambiente escolar saudável, sem violência, considerando que o pleno desenvolvimento e o pleno exercício da cidadania requerem um espaço democratizado e democratizante, de respeito e consideração ao próximo e de valor à pessoa humana e aos direitos humanos.

Ademais, a partir do artigo 208 da CF e do artigo 54 do ECA, tanto a família, quanto a sociedade e o Estado devem disputar entre si no sentido de “oferecer, matricular e incentivar o ensino obrigatório e fundamental à criança e ao adolescente” (ALKIMIM; JANINI, 2020, p. 761-762). No entanto é preciso que estes direitos sejam realmente executados e não apenas assegurados pela legislação, a fim de garantir que as relações e a formação integral das crianças no ambiente escolar sejam saudáveis e equilibradas (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Nesta mesma perspectiva, como expõe o artigo 70 do ECA: “é dever de todos prevenir a ocorrência de ameaça ou violação dos direitos da criança e do adolescente” (ALKIMIM; JANINI, 2020, p. 762), já que, caso este espaço seja de fácil acesso, porém sujeito a violência, todo o processo de ensino-aprendizagem será comprometido, juntamente com a qualidade de vida, o desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual e o direito à educação dessas crianças e jovens (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Contudo, esta valorização da infância e interesse em preservá-la é algo bem recente, já que, desde os tempos antigos até o século XVII, as crianças eram ignoradas e vistas somente como a miniatura de um adulto, em que, quando se encaixavam dentro do padrão “normal” estabelecido pela sociedade, eram apenas um objeto de propriedade dos pais, porém, se possuíssem qualquer deficiência ou “anormalidade”, geralmente eram mortas ou deserdadas (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Somente em 1924 houve uma vitória em relação à obtenção de direitos e proteção à infância, com a Declaração Internacional de Genebra dos Direitos da Criança, o primeiro documento a reconhecer os direitos infantis internacionalmente. Após esta, houve também a Declaração Universal dos Direitos Humanos, em 1945, e a Declaração dos Direitos da Criança da ONU, em 1959, que aprimorou o de Genebra (1924) utilizando um caráter declarativo e não impositivo (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Entretanto, no Brasil, apenas em 1989, surgiu a Convenção sobre os Direitos da Criança, o “autêntico instrumento de reconhecimento, declaração e imposição dos direitos humanos da criança aos Estados-Partes ratificantes” (ALKIMIM; JANINI, 2020, p. 758), no qual, foi estabelecido:

[...] um novo paradigma para caracterização da infância, com o reconhecimento de novos direitos, impondo a adoção de um sistema global de proteção integral e de cuidados especiais, primando pelo

melhor ou superior interesse da criança (Alkimim; Janini, 2020, p. 758).

Com isso, percebemos que os direitos humanos infanto-juvenis fundamentais constituem ações de justiça e ética principalmente, e como afirma Paulo Freire (apud ELIAS, 2011, p. 42): “a justiça é o eixo principal da educação para a paz”, complementando não acreditar em “nenhuma educação para a paz que não implicasse em desvendar as injustiças para as vítimas e em lutar pela justiça social” (p.42), Ou seja, a violência presente no ambiente escolar e a falta de preparo/interesse da comunidade/equipe escolar em prevenir e combatê-la, desrespeita e atrapalha isso.

Apesar de haver diversos aspectos positivos presentes na escola, como a construção de aprendizados, relações e valores, por se tratar de um espaço em que ter relações interpessoais é fundamental, a falta de segurança nesse ambiente abre portas para conflitos e atos de violência extremamente prejudiciais ao desenvolvimento acadêmico/humano, como o *bullying* e o *cyberbullying* - decorrente da evolução tecnológica (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Portanto, é preciso que todos busquem meios de garantir que os direitos infanto-juvenis sejam de fato assegurados, pois a violência escolar os ameaça diariamente no decorrer da convivência social, o que exige responsabilidade, compromisso e consciência de todos os funcionários, docentes, equipe gestora e a comunidade, a fim de conservar sua função social como espaço seguro de construção de saberes.

1.2 Bullying e seus encadeamentos no ambiente escolar

Ter um ambiente escolar que, além de promover a aprendizagem e a formação integral do aluno, favoreça a convivência harmoniosa entre os seus integrantes é muito importante. No entanto, a qualidade deste convívio vem sendo bem questionada, já que, apesar da violência dentro das escolas ainda não se expressar em grandes números ou não ser a mais grave dentre as que ocorrem na sociedade, os episódios de *bullying* têm ocorrido com frequência nas escolas do mundo todo, o que é preocupante tanto pelos traumas que podem gerar aos envolvidos, principalmente as vítimas, como pela ruptura da ideia da escola como

um lugar seguro de conhecimento, formação e desenvolvimento infanto-juvenil (MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018).

A violência na escola é um fenômeno social historicamente existente que está se tornando cada vez mais estrutural nesse ambiente. Sem apresentar nenhuma definição de violência, Carra e Sicot² (apud CHARLOT, 2002, p. 438) fizeram uma pesquisa entre 1994 e 1995 com 2885 colégios atingidos pela violência escolar, na qual 70% das pessoas entrevistadas revelaram ter sofrido pelo menos um tipo de violência, conforme demonstrado a seguir:

1. 47,8% = falta de respeito por alunos ou professores;
2. 27,7% = pertences danificados;
3. 23,7% = furtos;
4. 15,8% = chantagem;
5. 15,65% = golpes;
6. 9,7% = racismo;
7. 4,35% = extorsão;
8. 2,85% = agressão ou assédio.

Assim, partindo da perspectiva realista atual de Charlot (2002), de que as crianças estão cada vez mais violentas, incivilizadas e que as agressões e conflitos não irão desaparecer, é importante que a equipe/comunidade escolar saiba até que ponto as interações deixam de ser saudáveis e ultrapassam o limite, ou seja, significando uma violência em forma de ataque à pessoa, sua dignidade ou seus bens, necessitando intervenção (CHARLOT, 2002).

Logo, uma violência muito comum presente dentro dos muros do ambiente escolar é o *bullying*.

Apesar de sempre ter existido, o *bullying* teve seus estudos iniciados somente em 1970 na Europa e no começo dos anos 2000 no Brasil. “É um fenômeno caracterizado por atitudes agressivas, intencionais, repetitivas e sem motivação evidente”, segundo Oliveira e Carneiro (2021, p. 221). De acordo com Silva (2015, apud OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021, p. 225), o *bullying* traz como característica

² Cf. Cécile CARRA e François Sicot. Une autre perspective sur les violences scolaires: l'expérience de victimation. In Bernard CHARLOT et Jean-Claude ÉMIN (Dir.), *Violences à l'école: état des savoir*. Paris: Armand Colin, 1997.

central “toda violência física e/ou psicológica, intencional e repetitiva, praticada por uma questão circunstancial ou por uma disparidade subjetiva de poder”.

Estas “brincadeiras”, muitas vezes não identificadas ou banalizadas, podem ocorrer em diversos locais da escola dependendo da estrutura e da supervisão da equipe escolar e comprometem prejudicialmente toda a trajetória acadêmica e pessoal dos envolvidos, principalmente a vítima (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021). Por esta razão, os atos de *bullying* são inconfundíveis com outras formas de violência, por apresentarem características próprias, como causar traumas ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos, ser uma violência oculta, com comportamentos repetitivos durante um longo período contra a mesma vítima, apresentando uma relação de desequilíbrio de poder, que intimidam a vítima, ocorrem sem motivos evidentes e são comportamentos danosos, no qual, os resultados dessa violência podem, conseqüentemente, causar desinteresse pelos estudos, depressão ou até mesmo reações extremamente violentas, por exemplo (MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018).

Santos (2009, apud MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018) descreve o *bullying* como uma epidemia invisível, na qual as atitudes (exemplo: “brincadeiras” e apelidos) se mostram aparentemente despreziosas, mas magoam profundamente o ser humano, deixando a desmoralização e até mesmo a perda da dignidade como marcas profundas. Podem, inclusive, impedir o desenvolvimento saudável da autoestima e a construção da identidade do indivíduo.

Na etapa do desenvolvimento, em que a criança está na escola e passa a ter relações interpessoais, a vivenciar diferentes experiências e a descobrir novas realidades, aprendizagens e a si mesma e aos outros todos os dias, a autoestima é algo muito importante, pois é quando as crianças ampliam sua capacidade de autoconceito (identidade). Porém, uma criança com baixa autoestima, tem a tendência de se achar inferior quanto à sua capacidade diante dos outros, julgando sua aparência, popularidade, se comparando com seus colegas e se sentindo inadequada, o que torna essa criança, possivelmente, um alvo de autores do *bullying* (MONTEIRO, 2020).

Em contexto escolar, Pereira (2002, apud FERNANDES et al. 2016, p. 79) nos diz que o *bullying* “pode ser praticado por um ou mais agressores e, de costume, a vítima é uma criança ou jovem inseguro, tímido e com dificuldades em se defender

ou pedir ajuda”, na qual, de acordo com Neto (2005, apud FERNANDES et al., 2016, p. 79-80), além do direto, que trata de “agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais, ou expressões e gestos que incomodam os alvos” e o indireto, que envolve “atitudes de indiferença, isolamento, difamação e exclusão”, atualmente existe um terceiro modo decorrente do avanço tecnológico pelo qual o *bullying* pode ser praticado.

O *cyberbullying* é mais sério por ultrapassar as paredes da escola e se propagar rapidamente pela internet sem dificuldades, a fim de prejudicar o outro através do photoshop, whatsapp, email, comentários ofensivos/fake news nas redes sociais, entre outros, em que os agressores conseguem se esconder no anonimato para humilhar, expor e constranger ainda mais às vítimas por entre os meios tecnológicos, sendo outro grande obstáculo para a efetivação do direito à educação (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Ademais, segundo Fante (2013), estes três modos de prática do *bullying* apresentam os tipos abaixo:

- **Moral:** Intimidar e difamar imitando ou usando gestos próprios da vítima;
- **Social:** Criar rumores, ignorar, excluir ou incentivar a exclusão com objetivo de humilhar;
- **Psicológico:** Pressão na psique, induzida por diversos meios;
- **Material:** Ter seus pertences furtados, atirados contra si ou danificados;
- **Verbal:** Apelidos, xingamentos e provocações;
- **Físico:** Beliscões, socos, chutes, empurrões e afins;
- **Sexual:** abusar, violentar, assediar, insinuar;
- **Virtual:** intimidar, ameaçar, caluniar e perseguir através de qualquer meio tecnológico.

Apesar do *bullying* se configurar como a violência mais comum dentro das escolas, em que o agressor tem como objetivo excluir, diminuir, humilhar e agredir frente aos espectadores, às vítimas, que na maioria dos casos não conseguem se defender sozinhas e sofrem por muito tempo com a violência e, posteriormente, com consequências como medo, insegurança, isolamento, evasão, baixo desempenho escolar, falta de concentração etc. É possível que o *bullying* ocorra não somente entre aluno-aluno, mas também entre professor-aluno, conforme pesquisa realizada pelo “Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos e pela

Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo” (ELIAS, 2011, p. 17), exposta na tabela abaixo:

Tabela 1. Professores, segundo situação de violência vivenciada.

Tipo de Violência	SIM	NÃO
Já foi xingado pelos alunos	76,7%	23,3%
Já foi xingado, ameaçado, ou agredido por pais de alunos	27,5%	72,5%
Já sofreu algum tipo de discriminação	21,8%	78,2%
Já sofreu roubo ou furto na escola	30,9%	69,1%

Nota: Estado de São Paulo 2006.

Fonte: Dieese-Apeoesp - Pesquisa Violência nas Escolas

Elaboração: Dieese - Subseção Apeoesp/Cepes

Com isso, a violência escolar torna o ambiente escolar tóxico e fere a dignidade, o desenvolvimento e os direitos humanos das vítimas, se tratando de um problema de saúde pública.

Existem várias causas que favorecem situações de *bullying* e que são aumentadas pela presença de jovens de etnias, culturas e níveis socioeconômicos muito distintos dentro do contexto escolar. Geralmente, os agressores são motivados pela busca de obter um determinado fim, como uma recompensa, aprovação dos colegas, integração no grupo, necessidade de obter pertences de outra pessoa, inveja, vingança, medo de ser alvo, entre outros. Já os alunos com ansiedade, baixa autoestima, inibição, retraimento social, timidez, deficiência e diferentes etnias ou religiões, por exemplo, são os mais propensos a serem vítimas (FERNANDES et al., 2016).

Além dos estilos parentais e do modelo sociocultural em que a criança está inserida, na qual as relações estabelecidas pela família e pela sociedade podem induzir a forma como as mudanças irão ocorrer no indivíduo, é na fase escolar que a criança adquire experiências fundamentais para o desenvolvimento humano, pois vai explorando novas habilidades físicas, comportamentais e emocionais que a auxilia a progredir em sua trajetória estudantil (MONTEIRO, 2020).

A escola é o microssistema, o ambiente de maior contato e mais próximo do indivíduo em desenvolvimento, onde, durante anos, a criança passa grande parte de seu dia em interação com outras crianças e professores. Com isso, a escola é

essencial para o desenvolvimento humano das crianças nas dimensões biopsicossociais, com destaque no desenvolvimento cognitivo-acadêmico, cultural e relacional, na qual, para as muitas crianças de classes sociais menos favorecidas, a escola é o único microsistema determinante para seu desenvolvimento, além do microsistema familiar (MONTEIRO, 2020).

Por esse motivo, quando o *bullying* se manifesta no microsistema escola, isso se torna uma questão ainda mais importante e urgente, pois os episódios do *bullying* podem moldá-la de uma forma prejudicial, afetando todo o desenvolvimento humano saudável dessas crianças/ jovens (MONTEIRO, 2020), suscitando a preocupação e apreensão de todos.

Dentre as citadas ao longo do estudo, apresenta-se a seguir outras consequências psíquicas e/ou comportamentais extremamente prejudiciais ao desenvolvimento, mas comuns, causadas pelo *bullying*, de acordo com Silva (2010):

- **Sintomas Psicossomáticos:** a pessoa expressa diversos fatores físicos, tais como dor de cabeça, cansaço, enjoo, etc;
- **Transtorno do Pânico:** é caracterizado por um medo intenso e ansiedade, além dos sintomas físicos, como taquicardia, boca seca, dilatação da pupila, suores, etc.;
- **Fobia Escolar:** medo intenso de frequentar a escola, uma vez que esse ambiente traz lembranças traumatizantes por conta do *bullying* sofrido naquele lugar;
- **Fobia Social - Transtorno de Ansiedade Social (TAS):** a pessoa possui grande ansiedade e teme se sentir o centro das atenções ou de estar sendo julgado negativamente. Há o pavor de ser ridicularizado por pessoas, recorrente a uma humilhação vivida no passado escolar;
- **Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG):** a pessoa se preocupa com todas as situações em sua volta, tendo a impressão de que vai acontecer alguma coisa ruim a qualquer momento, sendo marcada por um medo/insegurança que não a deixa;
- **Depressão:** doença que afeta o humor, pensamentos, saúde e o comportamento, em que, os sintomas mais característicos são: tristeza persistente, ansiedade ou sensação de vazio; insônia ou excesso de sono; perda ou aumento de apetite; dificuldades de concentração e de tomar decisões;

sentimentos de desesperança e pessimismo; perda de interesse por atividades que anteriormente despertavam prazer; ideias ou tentativas de suicídio;

- **Anorexia e Bulimia:** transtornos alimentares vistos principalmente em mulheres que estão preocupadas com os padrões de beleza impostos pela sociedade. Há o pavor de engordar e o comer exageradamente, pois sofreram com “brincadeiras” e pressões graves e marcantes no ambiente escolar;
- **Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC):** Marcado por “manias”, comportamentos repetitivos de forma sistemática e ritualizada, em que, são prisioneiros da própria mente. (Exemplo: A pessoa tomar muitos banhos diariamente, pois sempre tem a sensação de estar suja, devido a uma violência sexual que sofreu);
- **Transtorno de Estresse Pós-Traumático (TEPT):** Pessoas que passaram por experiências traumatizantes, sofrendo com flashbacks e lembranças de horror;
- **Suicídio e Homicídio:** ocorre quando a vítima não consegue mais suportar todo sofrimento, causando um desespero e resultando em atitudes extremas para aliviar sua dor.

Como na fase infanto-juvenil do desenvolvimento a criança passa a maior parte do tempo no ambiente escolar, a família acaba se tornando um grande refúgio para a superação dessas dificuldades relacionadas ao *bullying* (PAPALIA; OLDS, 2000; MONTEIRO, 2017 apud MONTEIRO, 2020), o que evidencia a importância da família e de uma dinâmica familiar saudável no contexto social da criança.

Conforme as crianças vão crescendo e a rede de relações sociais aumenta, a criança vai agregando novos valores, ideias, crenças e hábitos diversos, fazendo com que, assim, as boas amizades e as brincadeiras também sejam benéficas e essenciais. Os ambientes são muito importantes no desenvolvimento humano desde o nascimento e ao longo da vida, pois são nos ambientes que a criança evidencia seu desenvolvimento humano, na qual a família e a escola são dois contextos importantes para tal (BRONFENBRENNER, 2011; DINIZ; KOLLER, 2010 apud MONTEIRO, 2020).

Entretanto, apesar do fato de que estabelecer bons laços afetivos promove na criança o desenvolvimento da sua capacidade física, social e simbólica, sendo o afeto um elemento necessário para o desenvolvimento humano saudável, em que através dele que criamos vínculos e estabelecemos relações entre pessoas,

havendo a necessidade do outro, do estímulo e dos sentimentos para que o desenvolvimento ocorra, é preciso que sejam estabelecidas relações interpessoais recíprocas (DINIZ; KOLLER, 2010; BRONFENBRENNER, 2011 apud MONTEIRO, 2020).

Considerando que a interatividade saudável do vínculo com o outro é quebrado por meio do *bullying*, a criança é afetada e consequências negativas são trazidas ao seu desenvolvimento, prejudicando-a (DINIZ; KOLLER, 2010 apud MONTEIRO, 2020). Uma criança segura estabelece relações interpessoais que interagem de tal forma que ela consegue desenvolver a segurança e a autoestima saudável, mas uma criança insegura vai desenvolvendo apenas relações interpessoais inadequadas (DINIZ; KOLLER, 2010; BRONFENBRENNER, 2011 apud MONTEIRO, 2020), em que, embora as marcas psicológicas não sejam visíveis, as vítimas passam a enxergar uma imagem muito negativa de si mesmas e se tornam muito inseguras nas relações com os outros, sendo difícil falar sobre isso, pois sentem vergonha e culpabilidade (URRA, 2009 apud FERNANDES et al., 2016).

Já em relação aos alunos agressores, estes manifestam níveis elevados de autoconfiança e autoestima e níveis mais baixos de incapacidade, rejeição, nervosismo e depressão (FERNANDES; SEIXAS, 2012 apud FERNANDES et al., 2016).

Com isso, o *bullying* traz prejuízos ao desenvolvimento pleno do ser humano em sua infância porque impede que haja os vínculos saudáveis para que este processo ocorra de forma harmoniosa. Quando os indivíduos vivem em ambientes favoráveis, tendem a expressar sentimentos positivos, como gratidão, amor ao próximo e interesse pelo outro, sendo estes sentimentos que surgem na infância e crescem ao passo que o ser humano se desenvolve e se torna adulto, potenciando uma saudável e equilibrada adaptação ao meio social (DINIZ; KOLLER, 2010 apud MONTEIRO, 2020).

Entretanto, o mesmo ocorre em ambientes desfavoráveis, onde a criança convive com sentimentos negativos (DINIZ; KOLLER, 2010 apud MONTEIRO, 2020), crescendo e interagindo com um mau ambiente social e familiar, ela tende a apresentar comportamentos desajustados na sociedade, ainda mais quando o estilo educativo dos pais for negligente, sem imposição de regras, desinteressado e

ausente, autoritário com punições físicas, entre outros (NEGREIROS, 2008 apud FERNANDES et al., 2016), ressaltando assim, a importância das boas vivências e convivências, já que é por meio dela que o indivíduo aprende novos conceitos do contexto vivido (DINIZ; KOLLER, 2010 apud MONTEIRO, 2020).

Portanto, o *bullying* é um problema estrutural, persistente e extremamente prejudicial ao desenvolvimento humano que está presente no dia a dia escolar e afeta as vítimas socialmente, academicamente, intimamente e psicologicamente para o resto da vida, deste modo, precisa ser levado mais a sério, tanto pelos pais, responsáveis e principalmente pelas escolas.

Entende-se que é necessário tomar medidas protetivas e preventivas de acordo com cada realidade, treinando e formando a equipe escolar para que todos estejam atentos e conscientes acerca do *bullying* e suas implicações e modos de prevenção e combate a seu alcance, em busca de um ambiente escolar menos violento e mais sadio e enriquecedor para as futuras gerações.

1.3 Formação docente e a busca por relações sadias na escola

O *bullying* é uma violência repetitiva, dolorosa e angustiante que está protegida dentro dos próprios muros da escola, ao qual, ao invés de ser um ambiente seguro para que as crianças e jovens se desenvolvam de modo enriquecedor e sadio, pode acabar investindo em segurança em vão, já que permite que a insegurança mantenha-se efetiva por meio da negligência, da formação docente escassa e da falta de preparo e empenho da comunidade escolar em buscar meios de prevenção, intervenção e combate a este tipo de violência, por exemplo (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021).

Tristemente, a violência é algo que pertence à humanidade e nos acompanhará constantemente na vida em sociedade, e apesar de, nos primórdios da humanidade ser atrelada à sobrevivência, sempre envolveu demonstrações de relações de poder e submissão através de força física ou moral, inclusive no ambiente escolar, onde o *bullying* e o *cyberbullying* são uma consequência de comportamentos tóxicos e podem ser relativos à delinquência dos jovens agressores, que, na maioria dos casos, está associada a motivos externos à escola, como pobreza, exclusão, exploração, entre outros (ALKIMIM; JANINI, 2020).

Contudo, quando esta violência é praticada contra a criança e o adolescente, seja onde for, se trata de uma séria violação à dignidade humana das vítimas e aos direitos humanos infanto-juvenis, pois, segundo Alkimim e Janini (2020, p. 756), “mina a liberdade, autoestima, vivência e convivência baseada na paz, no amor, na compreensão e na solidariedade, aniquilando a dignidade humana, pilar do Estado democrático de Direito, estruturado na atual Constituição Federal brasileira”.

Por este motivo, é necessário que, além dos demais funcionários que compõem o ambiente escolar, o professor saiba reconhecer o *bullying*, a fim de identificar se apenas se trata de brincadeiras saudáveis, existentes na escola, ou se o limite do respeito foi ultrapassado, já que desde sempre o *bullying* no ambiente escolar é regularmente encarado como brincadeiras normais entre jovens ou mera rebeldia, porém, na verdade, é uma violência que causa danos extremamente prejudiciais a curto e a longo prazo (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021).

Ademais, no contexto do *bullying*, é preciso que os professores tenham bastante cautela ao se relacionar com os alunos, pois ao tentar manter o controle sobre a classe ou corrigir comportamentos, podem humilhá-los diante de seus colegas, se convertendo em agressores. Fante (2011, apud MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018) aponta que muitos professores, ao se referirem a alguns de seus alunos, chamam-nos por apelidos, às vezes até atribuídos por eles mesmos ou por outros alunos, causando constrangimento e fomentando a vitimização desses discentes (MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018).

Por conta da vítima não conseguir denunciar os seus agressores por medo de sofrer revides ou por vergonha de admitir que esteja apanhando/passando por situações humilhantes ou, ainda, por acreditar que não lhe darão o devido crédito, os familiares e profissionais da educação podem ter dificuldades em identificar essa forma de violência. Com isso, os agressores acabam se aproveitando desse silêncio e impõem terror às suas vítimas (MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018).

Assim, há a necessidade de o profissional antecipar a ocorrência da violência escolar que se pretende evitar, e prevenir situações que afetem ou comprometam o desenvolvimento equilibrado da criança/jovem (BENETTI, 2002 apud FERNANDES et al., 2016), já que, além de ser um espaço que deve proporcionar o desenvolvimento de habilidades, competências, formação e desenvolvimento de conceitos, saberes e opiniões, cabe à escola estabelecer e manter uma relação

dialógica com os alunos e de parceria com os pais, tratando dos diversos aspectos da vida do aluno, promovendo um ambiente de respeito, confiança, consideração, trocas e aprendizagem (MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018).

Porém, para isto, é essencial que o professor receba/busque uma formação que lhe permita entender os diferentes encadeamentos do *bullying* no ambiente escolar; reconhecer certas atitudes e mudanças de comportamento em sala de aula; conseguir auxiliar um aluno que pode vir a lhe pedir ajuda para solucionar o problema; entre outros, já que o *bullying* é uma violência muito presente no ambiente escolar, mesmo que ocorra muitas vezes de forma mascarada e discreta (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021).

É importante que a equipe escolar esteja sempre atenta e ao perceber as ações de violência na escola ou identificar vítimas e agressores precisa, além de buscar meios não violentos de intervenção e prevenção significativas, chamar os pais, orientá-los a manter a calma e não buscar resolver o problema agressivamente e aconselhá-los a comunicarem a escola caso souberem de algum problema (NOGUEIRA, 2003 apud MAEKAVA, ANDRADE E CAPELLINI, 2018).

O reconhecimento de fatores de risco a que a criança poderá estar exposta é uma iniciativa essencial para protegê-la (FERNANDES et al., 2016).

Há os fatores de risco extrínsecos, em que a criança estará exposta se estiver inserida em contextos multiproblemáticos, como tendo cuidadores negligentes na sua educação, ficando exposta a comportamentos violentos ou de consumo de substâncias nocivas para a saúde, tendo carências socioeconômicas, afetivas e educacionais, entre outras, e os fatores de risco de carácter intrínseco, que engloba a baixa autoestima, o desequilíbrio emocional, o isolamento, a revolta (que pode levar à agressão), a depressão e a desmotivação (FERNANDES et al., 2016).

Recentemente, em 2016, entrou em vigor o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*bullying*), através da Lei Federal nº 13.185/2015, que caracteriza o *bullying* como:

Art. 1º [...] §1º [...] todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015, s/p, apud OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021, p.226).

Visando prevenir e combater o *bullying*, este programa traz como propostas:

[...] a colaboração da sociedade, assim como a capacitação dos professores e da equipe pedagógica das escolas, a implementação e disseminação de campanhas de conscientização, com a participação dos pais, familiares e responsáveis, e a assistência psicológica, social e jurídica tanto às vítimas quanto aos agressores (BRASIL, 2015, s/p, apud OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021, p.226).

Logo, devemos ter sempre em conta que a intervenção deve acontecer com a maior brevidade possível, pois a gravidade do *bullying* está relacionada com a sua continuidade (FANTE, 2008 apud FERNANDES et al., 2016).

Qualquer tipo de intervenção contra o *bullying* deve ter em conta as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais, apontando que as formas de prevenção devem estar de acordo com o contexto onde ocorrem, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas, que levem em consideração aspectos sociais em vez de medidas punitivas, ameaças e intimidações, através ainda de uma intervenção compreensiva e verdadeiramente reparadora, buscando alcançar resultados satisfatórios (STRECH, 2008 apud FERNANDES et al., 2016).

Para Cardoso (2009, p. 279 apud FERNANDES et al., 2016):

A violência é um comportamento aprendido que também pode ser desaprendido, sendo desta forma, a escola um ambiente privilegiado para os programas de prevenção onde as aprendizagens de respeito pelo outro, assertividade, resolução pacífica de conflitos, as estratégias de autocontrole emocional, resistência à frustração e pressão dos pares e a consciencialização sobre a igualdade de género podem ser não só aprendidas, mas também experimentadas e solidificadas, através do diálogo e confronto de ideias, do treino de competências e da observação participante, permitindo que os indivíduos possam escolher alternativas não violentas.

A partir disso, recentemente entrou em vigor no Brasil a Lei nº 13.663/2018, que altera o art. 12 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), “determinando como atribuição dos estabelecimentos de ensino a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência, em especial a intimidação sistemática (*bullying*), no âmbito escolar” (BRASIL, 2018, s/p, apud OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021, p. 226).

Assim, há duas formas de abordar o *bullying*: por meio de programas de prevenção como ação primária ou programas de intervenção como abordagem secundária ou terciária (FERNANDES; SEIXAS, 2012 cit. por FERNANDES et al., 2016).

A intervenção primária visa reduzir a probabilidade dos alunos evidenciarem comportamentos perturbadores, agressivos ou violentos, em que, este tipo de intervenção requer uma maior proximidade entre família-casa e escola-família-comunidades e prevê uma maior supervisão dos vários locais comuns da escola, principalmente nos recreios, além da realização da reestruturação dos espaços físicos, dos equipamentos e das atividades (URRA, 2009 cit. por FERNANDES et al., 2016).

Já a intervenção secundária ou terciária, focada no desenvolvimento de competências socioemocionais, produz efeitos positivos nos alunos, uma vez que estes tenderão para um menor envolvimento em comportamentos agressivos e vitimizadores, sendo importante trabalhar também com temas como o autocontrole, assertividade, gestão da raiva, empatia pelas vítimas e resolução de conflitos, por exemplo (FERNANDES et al., 2016).

Ademais, existem três diretrizes de atuação que precisam ser levadas em conta para a prevenção da violência, onde, as duas primeiras, que seriam: melhorar as condições sociais que circundam o indivíduo e haver um auxílio aos alunos que estejam em risco, por parte da escola, tem um traço preventivo, e a terceira, que seria realizar um trabalho individual e aberto com os alunos envolvidos, tem um traço paliativo, ou seja, é fazer com que a vítima deixe de sofrer e modifique sua condição (PEREIRA, 2009).

Entretanto, a partir do entendimento de que o estudo desta problemática centra-se em quatro fases fundamentais: compreensão do fenômeno, diagnóstico da realidade, [programas de intervenção e avaliação](#). É necessário, antes de qualquer intervenção, ter ciência de que o problema existe e que ele precisa ser resolvido, perceber de que forma ocorre o *bullying* na escola e promover o reconhecimento deste na comunidade escolar, buscando sempre a melhor abordagem e resolução a partir de cada realidade (PEREIRA, 2002 apud FERNANDES et al., 2016).

Dentre as formas de intervenção simples e gratuitas, aprovadas nas escolas europeias, estão: o uso de vídeos e histórias para se discutir em sala de aula; grupos de apoio; permitir que os alunos encontrem o problema e indiquem soluções; trabalhar com mais atividades recreativas durante os recreios, entre outros. Nos casos mais graves, devemos incentivar ainda mais a comunicação, as relações afetivas e sociais, a empatia e a reflexão crítica, por exemplo (PEREIRA, 2009).

Há também três programas importantes que visam intervir e combater à violência, o “Abrindo espaços: educação e cultura para a paz”, da UNESCO, que busca oferecer oportunidades de lazer, cultura, estudo e de ajustarem suas vidas durante seu tempo livre; o “SAVE”, da Universidade de Sevilha (Espanha), que busca promover grupos de discussão, onde desenvolvem soluções para os problemas trazidos e depois utilizam o que aprenderam em propostas de intervenção, que focam em reduzir as agressões, os assédios e exclusões dentro das escolas e comunidades, e o “Circle Time”, que trabalha com as experiências socioafetivas, ou seja, por meio das relações sociais e do diálogo com todos em círculo, os jovens se desenvolvem cultura, social e emocionalmente (PEREIRA, 2009), na qual, este projeto se assemelha bastante com a metodologia dos círculos restaurativos, outra estratégia de intervenção, que se trata de:

[...] encontros orientados por um coordenador, seguindo um roteiro, o que proporciona um espaço seguro e protegido para as pessoas abordarem o conflito, falarem e serem ouvidas com respeito, esclarecendo dúvidas e buscando construir soluções para o futuro, que no caso dos círculos, são os chamados acordos (BRANCHER, 2008 apud SANTOS; GROSSI; SCHERER, 2014, p. 280).

Portanto, visto que o *bullying* é um problema extremamente prejudicial e um dos maiores obstáculos é o fato das pessoas acharem que o mesmo é algo normal, inocente e que todos acabam passando por isso, é necessário que todos os funcionários, docentes, gestores e a comunidade de cada escola busquem/recebam uma formação acerca do assunto, a fim de investigar e desenvolver suas propostas com base na sua realidade em específico, visando, além de uma intervenção que realmente contribua e seja satisfatória nesta luta contínua para combater a violência escolar, proporcionar aos alunos um ambiente protetor, respeitoso e com relações interpessoais sadias ao longo da formação.

CAPÍTULO 2: METODOLOGIA: OS CAMINHOS DESTA PESQUISA

Sendo a pesquisa uma “atividade básica da Ciência na sua indagação e construção da realidade” (MINAYO et al., 2002, p. 17), que visa promover o ensino e suas ações e atualizá-lo a partir de pensamentos e ações presentes na realidade mundial (MINAYO et al., 2002), esta investigação se insere na área de educação, pois se trata de um estudo acerca do cotidiano escolar, na qual, de acordo com Gatti (2012):

[...] têm tido um papel interessante na pesquisa em educação [...] Tenta-se evidenciar o que marca presença nesse cotidiano, mostrando não só o rotineiro, mas os conflitos, as alternativas trilhadas, as simbologias criadas, as linguagens [...] Reconhecem-se alternativas de convivência e aprendizagens que constroem professores e alunos (p. 26).

Assim, utilizando-se de um caminho metodológico, em que, de acordo com Minayo et al. (2002, p. 16), se resume ao “pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, incluindo “concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam e construção da realidade e o sopro divino do potencial criativo do investigador”, busca-se, por meio desta pesquisa, encontrar respostas a fim de atingir a comunidade escolar e melhorar as relações interpessoais presentes no ambiente escolar, em que, para isso, a questão investigativa definiu-se como: “O que dizem as pesquisas nacionais dos últimos dez anos (2012 a 2021) a respeito do impacto causado pelo *bullying* na trajetória acadêmica/pessoal das vítimas desse tipo de violência mais comum no ambiente escolar?”.

A fim de responder esta problemática, esta pesquisa conta com o seguinte objetivo geral de: compreender as práticas do *bullying* na escola, os encadeamentos que ele provoca na vida pessoal e acadêmica dos envolvidos e conhecer meios de preveni-lo e combatê-lo no ambiente escolar. Tendo como objetivos específicos a apresentação das condutas do *bullying*, bem como seus diferentes tipos e principais danos causados às vítimas; descrição dos modos de prevenção e combate no ambiente escolar; e discussão das relações do *bullying* com a formação docente e de como esta violência segue ameaçando o desenvolvimento humano e a efetivação dos direitos infanto-juvenis.

Deste modo, após esta breve caracterização acima, as contribuições a seguir estão organizadas em três partes, na qual, primeiramente, será explicado o delineamento da pesquisa. Em seguida, serão apresentados os caminhos utilizados para obtenção das informações e, por fim, serão abordados os procedimentos utilizados para analisar os dados obtidos na pesquisa.

2.1 Delineamento da pesquisa e o referencial teórico

Em seu livro “Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade”, Minayo et al. (2002) trazem diversas vertentes acerca da pesquisa qualitativa, evidenciando que, quando relacionada a ciências sociais, se “preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado” (p.21), tendo como foco um mundo repleto de significações, valores, crenças, experiências, razões e atitudes presentes em todas as relações interpessoais humanas.

Ademais, as autoras André e Ludke (1986) definem cinco características básicas da pesquisa qualitativa:

- a) a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento; b) os dados coletados são predominantemente descritivos; c) a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto; d) o significado que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador; e) a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo (ANDRÉ; LUDKE, 1986, p.11-12-13).

Assim, esta pesquisa se utiliza de uma abordagem qualitativa, pois se trata de uma temática social que envolve coletar dados descritivos a partir do processo e das interações, experiências e significados nele presente.

Em relação aos objetivos, esta pesquisa se caracteriza como exploratória, por ter como objetivo desenvolver e esclarecer conceitos, a fim de possibilitar uma maior aproximação acerca do tema escolhido, e de levantamento, referente a recolha de informações de obras ligadas exclusivamente ao objetivo desta pesquisa (GIL, 2008).

Quanto ao método, foi utilizado a pesquisa bibliográfica, pois a mesma permite que sejam encontradas várias obras acerca do assunto em conjunto, o que não seria possível a partir da iniciativa do pesquisador em outras perspectivas. Vale ressaltar que “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já

elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50), uma vez que, após o levantamento de diferentes produções publicadas em periódicos, realiza-se a leitura, análise e a seleção das respectivas obras que contemplem o tema escolhido e proporcionem um certo domínio bibliográfico, conforme Gatti expõe:

Trata-se do domínio de um repertório bibliográfico mais amplo, que permita a criatividade construtiva do pesquisador, seja na fundamentação do seu problema, seja na atribuição de significados aos dados (GATTI, 2012, p.28)

Portanto, a fim de contemplar o objetivo de analisar as práticas do *bullying*, visando compreender seus encadeamentos na vida pessoal e acadêmica dos envolvidos e conhecer os meios de prevenção, intervenção e combate como contribuição à área da educação, em seguida serão detalhados os procedimentos realizados para levantamento dos artigos, juntamente com a fonte dos dados.

2.2 Fonte dos dados e procedimentos do levantamento realizado

Buscando responder à problemática proposta a esta pesquisa, foram realizadas diversas pesquisas de artigos no Portal Periódicos CAPES exclusivamente, a fim de encontrar produções que caracterizem muito bem as práticas do *bullying* no ambiente escolar, a fim de explicitar os encadeamentos que o mesmo provoca na vida pessoal e acadêmica das vítimas, os meios de prevenção, intervenção e combate e as relações do *bullying* com a formação docente, o desenvolvimento humano e a efetivação dos direitos infanto-juvenis.

Tendo foco no objetivo proposto e buscando encontrar pesquisas que abordem as observações, análises e resultados de forma crítica, ampla e satisfatória, realizou-se os procedimentos destacados a seguir.

Na primeira busca, realizada no Portal Periódicos Capes, foram utilizados os termos “*bullying* escolar” e “consequências e prevenção” e os filtros: artigos; últimos 5 anos, resultando em 189 resultados. Destes, a partir da leitura dos títulos, selecionou-se apenas um artigo, sendo ele: “*Bullying*: Conhecer para Prevenir” (FERNANDES et al., 2016), por trazer um estudo teórico acerca do *bullying* de modo completo e amplo.

Na sequência, em outro levantamento no mesmo portal, os termos utilizados foram “*bullying* escolar” e “ensino fundamental” e os filtros selecionados foram: artigos; últimos 5 anos. Desta pesquisa resultaram 333 resultados. Em um primeiro momento, após a leitura dos títulos, 331 foram descartados por não contemplarem os objetivos propostos acerca do tema, por terem como foco questões médicas/psicológicas ou contribuições à disciplinas/cursos específicos apenas. Os dois artigos selecionados após a leitura do título e do resumo, são: “Diálogos sobre o *bullying* escolar e o desenvolvimento humano” (MONTEIRO, 2020) e “O *Bullying* Escolar sob a Ótica de Professores e Alunos” (MAEKAVA; ANDRADE; CAPELLINI, 2018).

Na sequência, tendo como foco encontrar artigos acerca dos direitos infanto-juvenis e a formação docente em relação ao *bullying*, a fim de complementar a pesquisa, pois entendeu-se que a temática não seria suficientemente discutida a partir dos artigos já selecionados, realizou-se outra busca no mesmo portal.

Desse modo, foram utilizados os termos “*bullying*” e “formação docente” e os filtros: artigos; últimos 5 anos. A busca resultou em 188 artigos. A partir da leitura dos títulos primeiramente, apenas três artigos, sob os títulos “*Bullying*, Formação Docente e Racionalidade Comunicativa” (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021), “Formação docente e superação do *bullying*: um desafio para tornar a convivência ética na escola” (TOGNETTA; DAUD, 2018) e “Currículos da formação docente inicial e o despreparo para manejar o *bullying* na escola” (GONÇALVES; ANDRADE, 2020), foram escolhidos. Entretanto, logo após a leitura dos respectivos resumos dos mesmos, os artigos de Tognetta e Daud (2018) e Gonçalves e Andrade (2020) foram excluídos por não fazerem jus ao objetivo proposto.

Na sequência, ainda na plataforma Periódicos Capes, realizou-se um novo levantamento, desta vez, foram utilizados os termos “*bullying*” e “direito” com os mesmos filtros adicionados anteriormente, resultando em 379 resultados. Destes, a partir da leitura dos títulos, 378 foram excluídos por terem como foco questões empresariais/trabalhistas, a utilização de séries relacionadas ao tema como base ou contribuições à disciplinas/cursos específicos. Assim, somente um artigo foi selecionado, com o título: “O combate ao *cyberbullying* como forma de concretização do direito fundamental à educação das crianças e dos adolescentes” (ALKIMIN;

JANINI, 2020), por tratar tanto do *bullying* quanto do *cyberbullying* a partir da perspectiva do direito educacional infanto-juvenil de forma compreensível e crítica.

A seguir apresentamos o quadro 1 ilustrando a busca de informações realizada no Periódicos CAPES.

Quadro 1. Busca na base de dados Periódicos CAPES.

Termos utilizados	Filtros utilizados	Nº de resultados	Excluídos pela leitura de títulos ou resumos	Títulos selecionados
<i>Bullying</i> e consequências e prevenção	Artigos; Últimos cinco anos	189	188	1
<i>Bullying</i> e ensino fundamental	Artigos; Últimos cinco anos	333	331	2
<i>Bullying</i> e formação docente	Artigos; Últimos cinco anos	188	187	1
<i>Bullying</i> e direito	Artigos; Últimos cinco anos	379	378	1
TOTAL:	-	1.089	1.084	5

Fonte: elaboração própria.

Na sequência apresenta-se os procedimentos que foram utilizados para a realização das análises.

2.3 Procedimentos para análise

Conforme expõe Gil (2012, p. 175), é preciso realizar “a organização dos dados selecionados de forma a possibilitar a análise sistemática das semelhanças e diferenças e seu inter-relacionamento”. Com isso, buscando verificar se os artigos selecionados contribuem para o alcance do objetivo proposto pela pesquisa, os dados foram classificados e organizados no quadro 2 exposto abaixo, a fim de facilitar a análise a ser realizada no próximo capítulo.

Quadro 2. Artigos para análise.

Títulos	Autores e Autoras	Ano	Periódicos
<i>Bullying</i> : conhecer para prevenir	FERNANDES ET AL	2016	Revista Millenium DOAJ
O <i>Bullying</i> Escolar sob a Ótica de Professores e Alunos	MAEKAVA, ANDRADE E CAPELLINI	2018	Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educativo
Diálogos sobre o <i>bullying</i> escolar e o desenvolvimento humano	MONTEIRO	2020	Educação por escrito
O combate ao <i>cyberbullying</i> como forma de concretização do direito fundamental à educação das crianças e dos adolescentes.	ALKIMIM E JANINI	2020	Revista Jurídica Cesumar
<i>Bullying</i> , Formação Docente e Racionalidade Comunicativa	OLIVEIRA E CARNEIRO	2021	Revista Educere Et Educare

Fonte: elaboração própria.

Portanto, a partir da metodologia apresentada neste capítulo, no seguinte será realizada a análise dos artigos e a discussão dos resultados.

Vale ressaltar que nesta pesquisa foi utilizado como procedimento a análise de conteúdo na perspectiva de Bardin (1979), a partir do processo de leitura e fichamento de todos os artigos, e a abordagem dedutiva a priori (QUEIRÓS; GRAÇA, 2013), na qual, as categorias são definidas prioritariamente a fim de indicar um caminho específico à que se pretende mostrar.

CAPÍTULO 3: UM OLHAR PARA AS PESQUISAS SOBRE *BULLYING*

O presente capítulo destina-se à apresentar as análises das informações dos dados levantados, a fim de relacioná-los com o objetivo proposto a esta pesquisa, que é o de compreender as práticas do *bullying* na escola, [os encadeamentos que ele provoca na vida pessoal e acadêmica dos envolvidos e conhecer os meios de preveni-lo e combatê-lo no ambiente escolar.](#)

No quadro 3, a seguir, encontram-se os títulos selecionados para a análise.

Quadro 3. Títulos selecionados para análise.

Títulos	Autores e Autoras	Ano
<i>Bullying</i> : conhecer para prevenir	FERNANDES ET AL	2016
O <i>Bullying</i> Escolar sob a Ótica de Professores e Alunos	MAEKAVA, ANDRADE E CAPELLINI	2018
Diálogos sobre o <i>bullying</i> escolar e o desenvolvimento humano	MONTEIRO	2020
O combate ao <i>cyberbullying</i> como forma de concretização do direito fundamental à educação das crianças e dos adolescentes.	ALKIMIM E JANINI	2020
<i>Bullying</i> , Formação Docente e Racionalidade Comunicativa	OLIVEIRA E CARNEIRO	2021

Fonte: Elaboração própria.

Apesar das pesquisas dispostas acima apresentarem processos metodológicos e objetivos divergentes, todas apontam em comum a necessidade de se buscar meios de prevenir e intervir o *bullying* e restaurar as relações interpessoais existentes dentro do ambiente escolar, de modo que a escola volte a ser um espaço seguro, sadio e respeitoso em prol da educação, formação e interação.

3.1 Corpus da análise

O primeiro artigo, sob o título “*Bullying*: Conhecer para Prevenir”, de Fernandes, Henriques, Mendes e Ribeiro (2016), apresenta uma revisão teórica sobre o *bullying*, na qual, as autoras destacam suas características, tipos, causas, consequências, fatores de risco, meios de prevenção e a importância da sociedade em reconhecer o *bullying* como um problema grave e prejudicial ao desenvolvimento sadio infanto-juvenil, trazendo como reflexão também o fato de que é preciso que esta violência seja prevenida por meio de métodos não violentos, a fim de restaurar o respeito e o afeto entre as relações interpessoais dentro do ambiente escolar, que deveria ser um espaço de aprendizado e relações saudáveis.

O segundo título, “O *Bullying* Escolar sob a Ótica de Professores e Alunos”, de Maekava, Andrade e Capellini (2018), [trata-se de uma pesquisa de campo que buscou investigar como ocorre o *bullying* sob o enfoque de professores e alunos](#). Para isto, foram utilizados dois questionários semelhantes, um aplicado a 23 professores e outro a 44 estudantes, sendo os participantes de duas escolas, da rede pública e particular, de ensino fundamental. O artigo, pertencente a um trabalho de conclusão de curso das mesmas autoras deste segundo título, cujo título é “*Bullying*: concepções dos atores envolvidos” apresenta o *bullying* como uma violência ainda muito mascarada e difícil de ser identificada, por isso a necessidade da equipe escolar e da comunidade em buscarem uma formação acerca do assunto, a fim de trabalharem juntos identificando, intervindo e prevenindo para que os casos diminuam.

O terceiro título, “Diálogos sobre o *Bullying* Escolar e o Desenvolvimento Humano”, de Monteiro (2020), trata-se de uma pesquisa empírica, de natureza qualitativa e exploratória, em que, a partir do produto de uma pesquisa de mestrado em educação (acerca da investigação da concepção de *bullying* de 38 estudantes entre 9 e 11 anos de duas classes de 5º ano), a autora busca apresentar as implicações do *bullying* escolar no desenvolvimento humano a partir da perspectiva de Jean Piaget e da Teoria da Moral e da Teoria Bioecológica. Para tanto, foi aplicado um questionário semiestruturado com 26 questões a um total de 70 crianças entre 9 e 11 anos do 5º ano, na qual, a análise dos dados coletados foi realizada por meio da técnica de Núcleos de Significação.

O quarto título, “O combate ao *cyberbullyng* como forma de concretização do direito fundamental à educação das crianças e dos adolescentes”, de Alkimim e Janini (2020), tem o intuito de expor o quanto o *cyberbullying* é uma violência prejudicial tanto às relações interpessoais e afetivas dentro do ambiente escolar quanto à concretização do direito substancial à educação assegurado por lei às crianças e jovens, utilizando-se para isto do método dedutivo e da pesquisa bibliográfica, reforçando a reflexão de que é certo que dentro da escola existem tanto brincadeiras saudáveis entre os alunos quanto atos conflituosos, por conta da convivência e das relações sociais que a mesma reivindica, porém, quando o limite é ultrapassado, é preciso que os professores/gestores interfiram.

E, por fim, o quinto título, “*Bullying*, Formação Docente e Racionalidade Comunicativa”, de Oliveira e Carneiro (2021), trata-se de uma investigação bibliográfica de natureza qualitativa e exploratória, com o intuito de apresentar a potencialidade do uso da razão comunicativa pela docência na resolução de conflitos de ordem moral-prática, como o *bullying*. O artigo, decorrente de uma investigação de Mestrado Acadêmico em desenvolvimento, traz como reflexão o fato de que a formação docente não possui o conhecimento necessário para identificar e intervir em situações de *bullying* que acontecem todos os dias, uma vez que é o professor que passa mais tempo com os alunos e observando-os, por isso é essencial que os educadores busquem inteirar-se sobre o assunto e, junto com a equipe gestora, propor meios de intervenção dialogadas, educativas e não violentas e projetos/estratégias de prevenção, com o propósito de tornar a escola um lugar mais seguro em prol da educação, interação, relação e formação.

Todos os artigos são da área da educação e foram publicados em revistas de âmbito educacional, exceto o título 4 que teve sua publicação realizada em uma revista de âmbito jurídico. O primeiro título foi publicado na revista *Millenium*, vinculada ao Instituto Superior Politécnico de Viseu, localizado em Portugal. O segundo título foi publicado na revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), denominada *Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional*. O terceiro título foi publicado em uma revista do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGEDU/PUCRS), intitulada *Educação Por Escrito*.

Na sequência, o quarto título foi publicado na revista desenvolvida pela Universidade Cesumar de Maringá, Paraná, denominada Jurídica Cesumar - Mestrado, a qual tem por finalidade a publicação de artigos relacionados ao Direito. Por fim, o quinto título foi publicado na revista Educere Et Educare, atrelada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

Assim, vemos que os artigos coletados foram publicados em vários estados brasileiros, com a única exceção do título 1, que foi publicado fora do país, evidenciando o quanto a questão do *bullying* está presente na sociedade e é um problema de saúde pública mundial.

Os anos de publicação variam entre 2016 e 2021, na qual, o artigo mais antigo selecionado é o título 1 e o mais recente é o título 5, demonstrando assim a importância da continuidade da discussão do tema estudado, que é bem presente nas escolas e na sociedade.

3.2 Compreensões acerca do *bullying*

Dentre os referenciais teóricos mais citados, estão os autores: Neto (2005), Urra (2009), Fante (2011), Fernandes e Seixas (2012), Bronfenbrenner (2011), Diniz e Koller (2010), Gonçalves (2016), Gomes (2007), Ariés (1981) e Olweus (2006), sendo importante ressaltar que como cada título coletado foca em vertentes específicas do *bullying*, a fim de compor mais ricamente e significativamente este estudo, a maioria dos artigos não apresentam entre si os mesmos autores.

As compreensões acerca do *bullying* trazidas por todos os artigos descrevem esse fenômeno como uma violência sistemática, oculta, intencional e repetitiva, que circunda relações desiguais de poder e ataques às vítimas sem motivos claros, minando assim a liberdade, os direitos e as relações sadias de modo dissimulado, intimidador e cruel, uma vez que, todas se relacionam e condizem com as pesquisas que foram apresentadas no referencial teórico.

Dentre os títulos selecionados, apenas 2 (FERNANDES; HENRIQUES; MENDES; RIBEIRO, 2016; MAEKAVA, ANDRADE; CAPELLINI, 2018) dos 5 artigos mencionam as práticas mais habituais do *bullying* dentro do ambiente escolar. Para os autores, há o direto, que envolve agressões, roubos, xingamentos, ameaças e

provocações, o indireto, que envolve desprezo, exclusão e boatos (NETO, 2005 apud FERNANDES et al., 2016), e o *cyberbullying*, que se trata da humilhação, exposição e constrangimento das vítimas nas redes sociais por meio de fotos, fake news, mensagens, publicações, comentários ofensivos, photoshop e etc, que, infelizmente, são propagadas rapidamente enquanto o agressor se esconde no anonimato.

Somente os títulos “*Bullying: Conhecer Para Prevenir*” (FERNANDES; HENRIQUES; MENDES; RIBEIRO, 2016) e “O Combate ao *Cyberbullyng* como Forma de Concretização do Direito Fundamental à Educação das Crianças e dos Adolescentes” (ALKIMIM; JANINI, 2020) discutem o *cyberbullying*. Para Fernandes et al. (2016), o *cyberbullying* é uma das práticas recentes do *bullying* que decorreu dos novos avanços tecnológicos, na qual a facilidade de compartilhamento e a desproteção existente na internet são impulsionadores destas agressões.

Já para os autores Alkimim e Janini (2020), que aprofundam intensamente as discussões sobre o *cyberbullying* em seu artigo, trazendo suas características, implicações, direitos e formatos de resolução dos conflitos através de meios legais, esta é considerada a mais séria. De acordo com os autores, os espectadores/agressores ultrapassam as paredes da escola e as humilhações e exposições da vítima se propagam rapidamente pela internet e sem dificuldades, além de que, nesta prática se torna mais difícil responsabilizar os agressores, já que, na maioria das vezes, se escondem atrás de perfis falsos e, em razão da dimensão da sua propagação, esta violência muitas vezes transpassa o âmbito psíquico das vítimas e as afasta do convívio social sadio, já que a mesma se vê humilhada não somente em meio a seus colegas de classe, mas em meio a milhares de pessoas na internet também.

Nesta perspectiva, todos os autores ressaltam que o *bullying* é dificilmente desmascarado no espaço escolar, ainda mais por ser bastante confundido pelos educadores e gestores com “brincadeiras normais e inocentes entre crianças e jovens”. As autoras do título “O *Bullying* Escolar sob a ótica de Professores e Alunos”, Maekava, Andrade e Capellini (2018), complementam trazendo que pelas vítimas não se sentirem seguras em delatar o que está acontecendo a alguém, por medo de sofrer revanches dos agressores, por pensar que não irão acreditar e/ou

por vergonha do que está havendo, os agressores se aproveitam dessa “lei do silêncio” para continuarem prejudicando cada vez mais suas vítimas.

Ademais, é real que dentro de uma sociedade existam atos conflituosos decorrentes da convivência e das relações interpessoais, em que, o título 4 (ALKIMIM; JANINI, 2020) é o único que nos traz a abordagem da violência como algo pertencente à sociedade e indissociável à vida humana, porém, quando o *bullying* se instaura na vida de uma vítima e permanece a longo prazo, os traumas psíquicos, emocionais e sociais se tornam cada vez mais irreversíveis, assim como no título “Diálogos sobre o *bullying* escolar e o desenvolvimento humano” a autora Monteiro (2020) busca exclusivamente demonstrar em sua pesquisa, explicitando mais a fundo as consequências psicológicas e emocionais do *bullying* no desenvolvimento infantil a partir das contribuições e estudos tanto de Piaget e a Teoria da Moral quanto da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano.

Vale salientar que as compreensões sobre *bullying* e *cyberbullying* se aproximam dos estudos realizados por esta autora, uma vez que, por serem fenômenos grandemente prejudiciais à trajetória acadêmica/pessoal e ao desenvolvimento humano das vítimas devido à sua ríspida continuidade, principalmente, ambos precisam ser imprescindivelmente levados mais a sério pela sociedade, pois se trata de um problema de saúde pública, que compromete as relações sociais, a convivência e todo o ambiente sadio, respeitoso e destinado à formação que os educadores atuam para construir diariamente.

3.3 Os impactos do *bullying* na vida e no desenvolvimento humano

Sendo o *bullying* a violência mais comum dentro do ambiente escolar, é de suma importância que entendamos como os autores discutem seus impactos na vida e no desenvolvimento humano.

O *bullying* é uma violência que se caracteriza principalmente por ocorrer de forma repetitiva e prolongada, tendo como atores a(s) vítima(s), o(s) agressor(es) e os espectadores, em que, assim como as vítimas na maioria dos casos são pessoas tímidas e quietas, dentre as pressuposições que motivam o agressor a praticar esta

violência está a inveja, o medo de acontecer o mesmo com ele e/ou a necessidade de ser aceito e respeitado, por exemplo.

Os autores Fernandes et al. (2016), Monteiro (2020) e Alkimim e Janini (2020) consentem ao trazerem que este tipo de comportamento pode ser decorrente de um ambiente familiar desfavorável e violento, o bairro onde vive e/ou agressões sofridas anteriormente, pois quando uma criança/jovem cresce em ambientes nessas condições, sendo negativos, repletos de negligência, violência, autoritarismo e até vícios em alguns casos, o âmbito psíquico é afetado e a mesma propende a apresentar os mesmos comportamentos desequilibrados. Com isso, assim como é importante que os pais busquem proporcionar um ambiente favorável ao crescimento de seus filhos, é fundamental que o professor esteja aberto a observar estes detalhes em seus alunos, buscando ao máximo manter um ambiente de aprendizado respeitoso e harmonioso, onde as crianças/jovens possam desfrutar de interações e convivências sadias.

Já os autores Oliveira e Carneiro (2021) trazem que como nem sempre as relações dentro do espaço escolar são positivas, para que os casos de *bullying* sejam identificados, estudados, trabalhados e prevenidos nas escolas, não sendo confundidos com “brincadeiras normais”, é preciso que os educadores busquem/recebam uma formação adequada e que seja dado um foco maior relacionado à importância da formação docente sobre o *bullying*, pois são os professores que estão a todo tempo com os alunos, então é necessário que qualquer mudança de comportamento seja percebida, já que estamos falando de uma violência que acarreta em consequências físicas, psicológicas e emocionais, que são extremamente prejudiciais ao desenvolvimento humano e escolar pelo sofrimento e angústia que causam.

Dentre os artigos selecionados, apenas o título “O *Bullying* Escolar sob a ótica de Professores e Alunos” traz a perspectiva do professor como agressor, pois, segundo as autoras Maekava, Andrade e Capellini (2018), é possível que o professor acabe entrando na violência disfarçada de “brincadeira” ao se utilizar dos apelidos dados às vítimas pelos agressores (com o propósito de diminuir e/ou humilhá-las) ao tentar conter a turma ou alinhar seus comportamentos, o que fará com que o *bullying* apenas continue, já que o professor, que deveria cessar este tipo

de atitude, acaba reforçando-a, o que pode gerar sentimentos de culpa e merecimento pela vítima.

Fernandes et al. (2016) refletem que quanto mais tempo a vítima, que, na maioria das vezes, não consegue impedir ou revidar os ataques sozinha, passa sofrendo nesse ciclo de violência, mais graves serão os efeitos a curto e a longo prazo. Dentre os títulos selecionados, todos abordam como consequências o desenvolvimento de transtornos, ansiedade, depressão, autoestima baixa, insegurança, desempenho escolar reduzido, evasão escolar, suicídio, entre outros.

O título “Diálogos sobre o *bullying* escolar e o desenvolvimento humano” é o único que, através das contribuições da perspectiva psicogenética de Piaget e da Teoria Bioecológica, busca se aprofundar nesta questão a partir da visão do desenvolvimento humano, na qual, a autora Monteiro (2020) discorre principalmente que, sendo a escola o microsistema onde as crianças passam grande parte de suas vidas, é de suma importância que a mesma seja um ambiente repleto de amor, afeto e respeito, pois é certo que, havendo relações e interações, haverá também conflitos e desentendimentos, [já que isto é normal dentro de uma sociedade. Porém, quando este espaço deixa de ser sadio e passa a ser dominado pela violência](#), o mesmo se torna um ambiente desfavorável e prejudicial ao desenvolvimento humano, ainda mais nessa etapa da vida em que as crianças e jovens estão crescendo, se desenvolvendo, expressando suas emoções, visões, habilidades e valores e formando sua identidade, autoestima e autoconceito.

Assim, o título “O Combate ao *Cyberbullyng* como Forma de Concretização do Direito Fundamental à Educação das Crianças e dos Adolescentes” é o único que apresenta um estudo aprofundado acerca das questões jurídicas envolvidas em casos de *bullying/cyberbullying*, na qual, os autores Oliveira e Carneiro (2021) afirmam que esta violência acaba comprometendo os direitos infanto-juvenis à uma educação em um ambiente com relações e convivências sadias e favoráveis, que são garantidos constitucionalmente, o que torna necessário tanto a identificação, a prevenção e a intervenção das situações existentes dentro do ambiente escolar e fora dele (*cyberbullying*) pelos professores, gestores e funcionários, quanto a criação de projetos que abordem o tema e questões relevantes como dever moral e responsabilidade civil, a fim de evitar que direitos como à liberdade, à privacidade e

à dignidade, assegurados por lei, não sejam concretizados. Além das demais consequências ao campo psíquico e da barreira que se cria sob o aprendizado.

3.4 Formatos de prevenção, intervenção e mediação no espaço escolar

A fim de melhorar as relações interpessoais e promover um ambiente de aprendizado positivo e formador, ambos prejudicados pelo *bullying*, é muito importante que a escola estabeleça formatos de prevenção, intervenção e mediação no espaço escolar decorrentes de uma preocupação e consideração maior acerca do *bullying*.

Dentre os artigos selecionados, apenas os títulos “*Bullying*, Formação Docente e Racionalidade Comunicativa” (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2021) e “O Combate ao *Cyberbullying* como Forma de Concretização do Direito Fundamental à Educação das Crianças e dos Adolescentes” (ALKIMIM; JANINI, 2020), trazem as posições oficiais acerca desta temática, na qual, os autores Oliveira e Carneiro (2021, p. 226) apresentam tanto o “Programa de Combate à Intimidação Sistemática (*Bullying*)”, instituído pelo Estado brasileiro em 2016 por meio da Lei Federal nº 13.185/2015, que tem como objetivo assegurar o direito à educação das crianças e jovens através da prevenção, combate, capacitação docente, conscientização, colaboração e participação de todos acerca do *bullying*, quanto às alterações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), com as Leis nº 9.394/1996 e nº 13.663/2018, que entrou em vigor em 2018, ambas determinando a obrigação das escolas em promover medidas que conscientizem, prevejam e combatam este tipo de violência.

Já os autores Alkimim e Janini (2020) apresentam as concepções do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que abordam sobre a responsabilização e punição de atos antissociais, como o *bullying* e o *cyberbullying*, que violem a proteção das crianças e jovens e a garantia de direitos, propondo medidas protetivas e socioeducativas que restaurem a harmonia e a justiça social. Entretanto, assim como os autores Oliveira e Carneiro (2021) também expõem, apenas criar a lei não é suficiente, é preciso que as mesmas sejam reforçadas e concretizadas, a fim de assegurar os direitos infanto-juvenis a uma educação significativa e com relações sadias e respeitadas.

As autoras Fernandes et al. (2016) e Maekava, Andrade e Capellini (2018) consentem ao abordarem que é necessário que haja tanto uma relação ativa entre a escola e os pais, em que, ambos devem estar atentos e alertar um ao outro caso vejam e percebam algo de diferente, quanto a importância da utilização de meios não violentos para a resolução e intervenção dos casos de *bullying/cyberbullying*, como é o caso do conceito de ação comunicativa, por exemplo, trazida pelos autores Oliveira e Carneiro (2021), que busca promover principalmente, a partir da interação e integração social, o estabelecimento de um entendimento racional e mútuo de modo consensual por meio do diálogo, com o intuito de motivar à superação das diferenças e conflitos existentes nas relações sociais, à valorização cultural e à construção de identidades pessoais, reforçando assim a valorização de atitudes de diálogo, empatia, afeto e respeito.

Logo, as autoras Fernandes et al. (2016) discorrem seriamente que a intervenção dos casos devem ocorrer de modo cuidadoso e atencioso, sempre levando em consideração as dimensões sociais, educacionais, familiares e individuais de cada situação, além de que, as formas de prevenção devem estar de acordo com o contexto onde ocorrem, envolvendo medidas psicopedagógicas e preventivas que deem importância aos aspectos sociais e valores humanitários, pois, segundo Cardoso (2009, p. 279 apud Fernandes et al., 2016), “a violência é um comportamento aprendido que também pode ser desaprendido”, então é importante que o ambiente escolar utilize seu espaço para ensinar, experimentar e concretizar os diversos formatos não violentos de prevenção, intervenção e mediação existentes, a fim de salvaguardar o desenvolvimento infanto-juvenil e restaurar e promover relações interpessoais saudáveis e um ambiente de aprendizado harmonioso e enriquecedor.

A autora Monteiro (2020), através da perspectiva da teoria Bioecológica, incentiva a existência das relações, vivências e convivências entre os colegas dentro do ambiente escolar, devido às experiências de cada um que possibilitam novas aprendizagens entre todos, entretanto, é preciso que tanto a equipe escolar quanto os professores trabalhem para aprimorar os laços afetivos e as relações interpessoais recíprocas, com o propósito de diminuir os elos negativos e criar assim um clima favorável ao desenvolvimento social, cognitivo-acadêmico e emocional dentro do espaço escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a pesquisa bibliográfica realizada no presente trabalho, foi possível observar que o *bullying* não é um fenômeno novo dentro das escolas e se configura como uma violência que circunda o meio escolar de modo quase sempre oculto, sendo constantemente confundido com “brincadeiras normais” dentro das relações entre as crianças e jovens. Entretanto, a gravidade do *bullying* está relacionada à sua repetitividade cruel, que torna o clima escolar tóxico e prejudicial ao desenvolvimento social, cognitivo-acadêmico e emocional das vítimas, uma vez que é função social da escola proporcionar um ambiente harmonioso e favorável ao desenvolvimento humano e à construção de identidades.

No primeiro capítulo, foi apresentado o conceito de *bullying* bem como suas principais condutas e danos causados às vítimas, alicerçada em textos selecionados e estudados durante o período de produção deste Trabalho de Conclusão de Curso, destacando os encadeamentos que esse tipo de violência provoca na vida pessoal e acadêmica dos envolvidos, bem como os meios de preveni-lo e combatê-lo no ambiente escolar. Também foram abordadas as relações do *bullying* com a formação docente e como esta violência segue ameaçando o desenvolvimento humano e a efetivação dos direitos infanto-juvenis.

No segundo capítulo, apresentou-se o percurso metodológico da pesquisa em busca de artigos que retrataram a problemática do *bullying* e suas práticas e encadeamentos no ambiente escolar, com o intuito de compreender sobre suas percepções, a fim de contribuir com a formação docente e discente. Diante da busca realizada, é importante ressaltar que foi possível identificar uma vasta variedade de títulos sobre o tema sob diversas vertentes, evidenciando um maior interesse e atenção que este assunto demanda. Para a análise foram selecionados cinco artigos que apresentam entre si diferentes tipos de pesquisa, como a bibliográfica, a de campo ou a empírica, sendo de natureza qualitativa e/ou exploratória, que fizeram jus à problemática desta pesquisa de compreender o impacto causado pelo *bullying* na trajetória acadêmica/pessoal das vítimas.

No terceiro capítulo, cada um dos artigos foi analisado a fim de compreender as semelhanças e as diferenças existentes entre as compreensões e concepções dos autores sobre o tema estudado, uma vez que os artigos foram analisados

quanto às perspectivas pertinentes às compreensões acerca do *bullying*, aos impactos do *bullying* na vida e no desenvolvimento humano e aos formatos de prevenção, intervenção e mediação no espaço escolar. Dentre as concordâncias apresentadas nos artigos analisados estão o conceito de *bullying*, as consequências que o mesmo acarreta devido à repetitividade dos atos violentos e a necessidade de que tanto a equipe escolar quanto os pais e a comunidade levem o *bullying* mais a sério e trabalhem juntos para que o mesmo seja prevenido e combatido, com a finalidade de restaurar e promover as relações sociais e experiências benéficas dentro do ambiente escolar, de modo favorável à aprendizagem e ao desenvolvimento de cada aluno.

Portanto, conclui-se que, a despeito do curto período de tempo em que este estudo foi desenvolvido, o mesmo permitiu sintetizar e assimilar conceitos, práticas e implicações essenciais à docência e à comunidade escolar acerca do *bullying*, evidenciando que, assim como é importante que os pais busquem proporcionar um ambiente favorável ao crescimento de seus filhos, é fundamental que o professor e a equipe escolar estejam abertos a observar e ouvir seus alunos, buscando ao máximo manter um ambiente de aprendizado respeitoso e harmonioso, onde as crianças/jovens possam desfrutar de interações e convivências saudáveis.

Assim, em virtude do fato de a violência ser um aspecto presente na vida humana, infelizmente esta temática estará sempre presente na sociedade, portanto, é preciso que a mesma seja estudada, apurada e aprimorada continuamente. Uma vez que este estudo está longe da pretensão de esgotar este assunto, aponto para a necessidade de mais pesquisas contínuas e aprofundadas sobre a temática aqui estudada, que apresentem como foco de investigação questões relevantes como a conscientização da sociedade e os recentes meios de prevenção do *bullying/cyberbullying* nas escolas, principalmente, a fim de sensibilizar e estimular mais diálogos, atitudes, interesse e disposição em prol de que um ambiente seguro destinado à aprendizagem e convivências saudáveis seja assegurado para as crianças e jovens.

REFERÊNCIAS

ALKIMIM, Maria Aparecida; JANINI, Tiago Cappi. O combate ao cyberbullying como forma de concretização do direito fundamental à educação das crianças e dos adolescentes. 2020. **Revista Jurídica Cesumar - Mestrado**, v. 19, n. 3, p. 753-775. Disponível em: <<https://doi.org/10.17765/2176-9184.2019v19n3p753-775>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ANDRÉ, Marli E. D. A; LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo, SP: EPU, 1986.

BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº 8, jul/dez 2002, p. 432-443. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/soc/a/fDDGcftS4kF3Y6jfxZt5M5K/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 21 abr. 2022.

ELIAS, Maria Auxiliadora. **Violência Escolar: Caminhos para compreender e enfrentar o problema**. 1ª ed. São Paulo: Ática Educadores, 2011.

FANTE, Cléo. **Bullying e cyberbullying: conhecer para prevenir**. SM educação: youtube, 2013. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FGmBkAQO0lo>>. Acesso em: 02 maio de 2022.

FERNANDES, Elisabete. et al. Bullying: Conhecer Para Prevenir. 2016. **Portugal: Revista Millenium DOAJ (Instituto Superior Politécnico de Viseu)**, v.49 (jun/dez), p. 77-89. Disponível em: <<https://doaj.org/article/3b148b79dd724330b70d313b8ba99b10>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

GATTI, Bernardete A. **A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios**. RBPAAE - v. 28, n. 1, p. 13-34, jan/abr. 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <<https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9cnicas-de-pesquisa-social.pdf>>. Acesso em: 24 maio de 2022.

MAEKAVA, Fernanda Silva; ANDRADE, Michela de; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho. O Bullying Escolar sob a Ótica de Professores e Alunos. 2018. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP): **Revista Cadernos de Pesquisa: Pensamento Educacional (DOAJ)**, vol. 12 (no. 31). Disponível em: <<https://doaj.org/article/b4f3d398eccb44dcab921969a8b5c885>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 21ª ed., 2002.

MONTEIRO, Michelle Popenga Geraim. Diálogos sobre o bullying escolar e o desenvolvimento humano. 2020. Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PPGEDU/PUCRS): **Revista Educação Por Escrito (DOAJ)**, vol.11(1), p.ID31701. Disponível em: <<https://doaj.org/article/4104c48c11864406a9d33694976f3354>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

OLIVEIRA, Paloma Breckenfeld Alexandre de.; CARNEIRO, Rosalvo Nobre. Bullying, Formação Docente e Racionalidade Comunicativa. **Revista Educere Et Educare**. v.16, n.40, set./dez, 2021. Ahead of Print. DOI:10.17648/educare.v16i40.27497. Disponível em: <<https://e-revista.unioeste.br/index.php/educereteducare/article/view/27497/20059>> Acesso em: 20 abr. 2022.

PEREIRA, Sônia Maria de Souza. Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar. *In **Bullying e suas implicações no ambiente escolar***. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2009, p. 61-66.

QUEIRÓS, Paula; GRAÇA, Amandio. A análise de conteúdo (enquanto técnica de tratamento de informação) no âmbito da investigação qualitativa. In: MESQUITA, I; GRAÇA, A. (Org.). **Investigação qualitativa em desporto**. Porto: Porto, 2013. v. 2, p.115-149.

SANTOS, Andréia Mendes dos; GROSSI, Patricia Krieger; SCHERER, Patricia Teresinha. **Bullying nas escolas: a metodologia dos círculos restaurativos**. Educação, vol. 37, n. 2, maio-agosto, 2014, p.278-287. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=84831710014>>. Acesso em: 05 maio 2022.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.